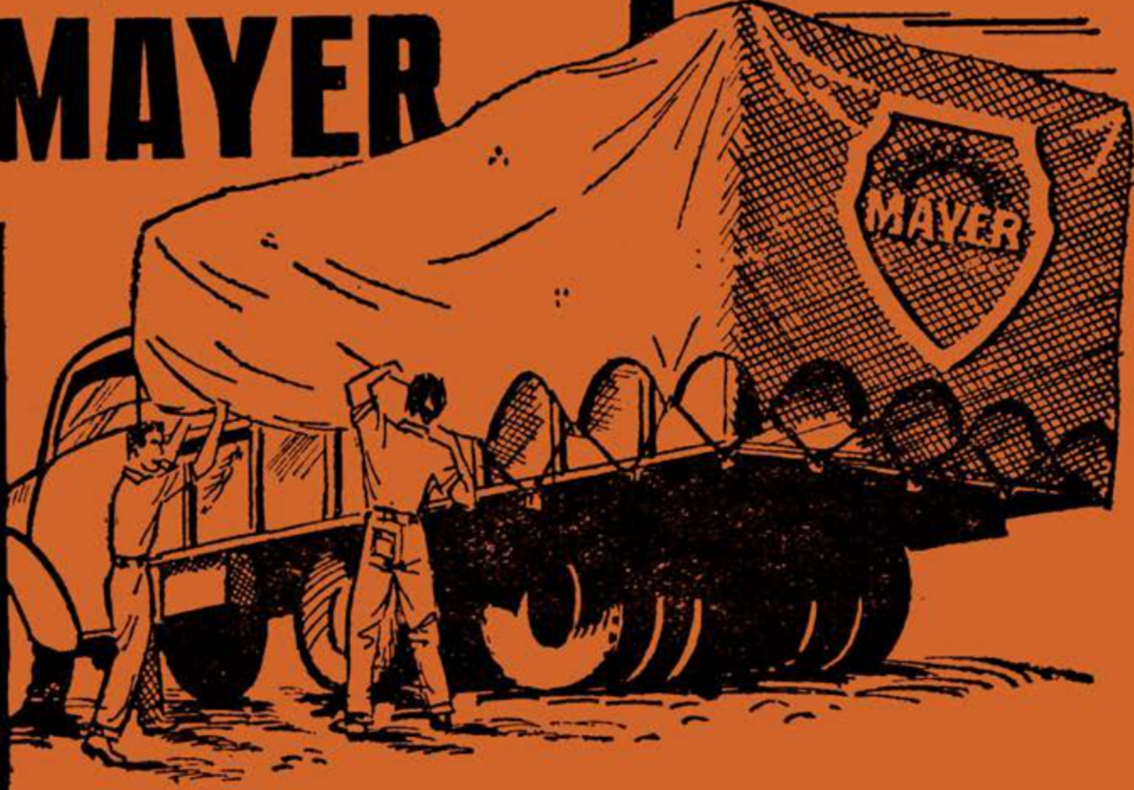


Notícias da
FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

ANO IV - 1959


Nós Zelamos Pelo Que e Seu
transportadora
MAYER
MINUANO
8 FILIAIS
E 40
AGÊNCIAS
SERVINDO
MAIS
DE 300
LOCALIDADES
NO INTERIOR
MAYER

CONHEÇA A

FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

e os seus cursos:



Iniciação à pesquisa científica.

GINASIAL

NORMAL (2º ciclo)

ECONOMIA DOMÉSTICA

— **Complementar — para alunas com curso ginasial**

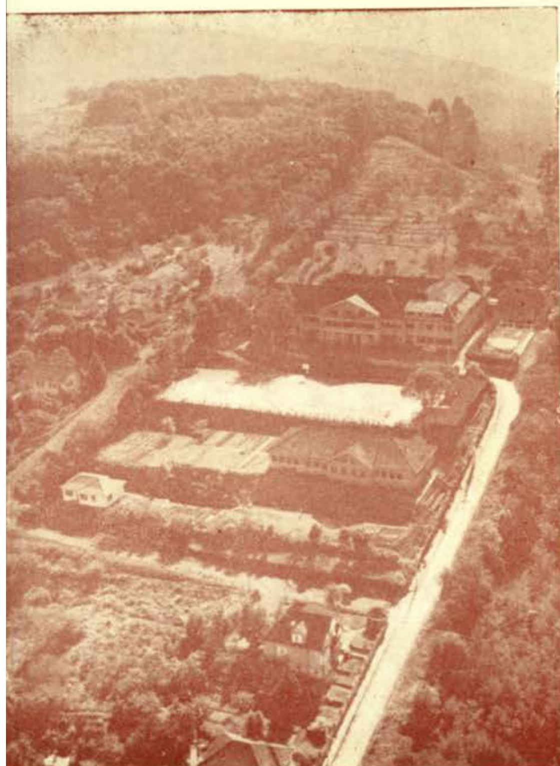
— **Especial — para alunas com curso primário**

— **Aperfeiçoamento (2º ano) — visando à formação profissional**



Preparação eficiente da dona de casa.

No internato, as alunas convivem com muitas colegas, aprendendo a conduzir-se como companheiras, capazes de compreender e respeitar os direitos alheios e sentir a responsabilidade pelo bem-estar comum.



VISTA AÉREA: em 1º plano o pavilhão de aulas, circundado pela horta escolar; logo acima, o campo de esporte; o edifício principal (internato, auditório, instalações para os cursos de economia doméstica etc.); no fundo, o «morrinho», recanto predileto das alunas. As 5 casas à esquerda são ocupadas por famílias de professôres, formando o conjunto uma pequena comunidade onde o convívio constante de mestres e alunas beneficia diretamente o trabalho educacional.

Com um horário cuidadosamente elaborado, em que horas de trabalho se alternam com horas de lazer, eliminadas as influências dispersivas, cria-se um ambiente de estudo e desperta-se o interêsse por atividades criadoras.



A sala de leitura: encontro com o maravilhoso mundo dos livros.



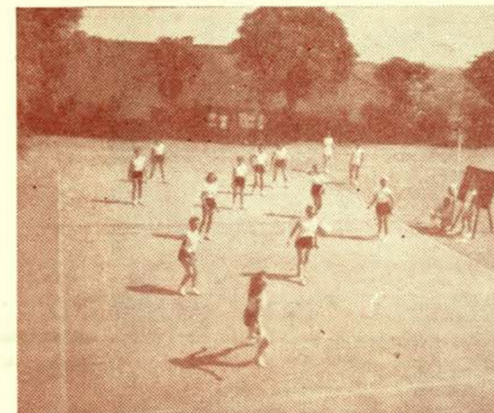
Recursos audio-visuais caracterizam o ensino moderno.

O afastamento dos pais obriga as alunas a cuidarem, elas próprias, de tudo o que lhes pertence, desde a ordem nos armários até o asseio pessoal. O lar distante lhes aparece em seu verdadeiro valor.



O útil e o agradável: danças folclóricas encantando e formando a juventude.

Um extenso programa de atividades extra-curriculares, orientado por professôres, possibilita a realização da personalidade da aluna e amplia-lhe os horizontes.



O esporte contrabalança as horas dos estudos.

No internat
zir-se como
alheios e se



Economia Doméstica: prátic
de puericultura no Pôsto d
Higiene local.

Dessa forma, o Morro da Fundação Evangélica é uma pequena comunidade que não se retrai ante a vida real e, sim, procura mostrar às alunas como vivê-la com olhos e corações abertos, cônscias de sua liberdade cristã e de suas tarefas como futura mulher evangélica dentro da nação brasileira.

«Que profissão escolherei?» — No gabinete psico-técnico a aluna ouve os conselhos do professor orientador.



Prática de enfermagem, sob a orienta
diaconisa diretora doInternato.

Com um horá
se alternam co
um ambiente d



A sala de leitura: en
maravilhoso mundo do

Solicite informações detalhadas à
FUNDAÇÃO EVANGÉLICA,
caixa postal, 39
Hamburgo Velho
Mun. Novo Hamburgo, R. G. Sul

TUDO REQUER
UM PREPARO

— estaremos preparando
as nossas filhas para
a mais importante
missão da mulher:
de espôsa e mãe?

Conheça o Curso de Economia
Doméstica da Fundação Evangélica

... que em um ano ensina a jovem

a cozinhar

a refeição familiar e o jantar de gala
dentro dos preceitos da higiene alimentar e da economia

a costurar

a camisinha do bebê e o vestido de alta costura

a criar os filhos

dentro dos modernos princípios da pediatria e da pedagogia

a dedicar-se aos enfermos

e a prevenir a sua família contra doenças

a cuidar da casa e da roupa

a tornar confortável o lar

a desenvolver a habilidade manual

aliada ao bom gôsto

Mas a atividade da mulher não se resume aos afazeres domésticos — ela é também a companheira e a conselheira do marido e dos filhos. De sua orientação espiritual depende a integridade da família.

Para isso a jovem recebe aulas de formação geral, de caráter acentuadamente cristão-evangélico:

Doutrina Cristã
Orientação para a vida
Português ou Literatura
Alemão
História da Arte
Canto

NOTÍCIAS DA FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

MENSAGEM ANUAL DE CORDIALIDADE

Ano IV NOVO HAMBURGO 1959

APRESENTAÇÃO

Pela 4ª vez, «Notícias», prezada ex-aluna, leva para ti a saudação de fim de ano de tua Fundação Evangélica.

Uma tentativa de ontem é uma tradição já agora. Lutando contra todos os fatôres negativos — e não foram poucos— «Notícias» se torna adulta: já existe por si, graças ao lugar ao sol que conquistou entre ex-alunas e amigos da Fundação Evangélica, pois tôdas as manifestações sôbre ela são unânimes em afirmarem a sua excelência e a sua absoluta necessidade por espelhar um ano de vida decorrida no Morrinho.

A nova apresentação é um resultado das sugestões construtivas recebidas e da preocupação dos editôres de virem ao encontro das ex-alunas, fazendo-as sentirem-se ainda mais ligadas à sua escola.

Por tudo isso «Notícias» continua sendo um elo entre a Fundação Evangélica e suas Ex-alunas e seus Amigos e uma voz a despertar tua consciência para alguns problemas de nossa Igreja..

A PALAVRA

A educação da seguinte geração é sem dúvida a tarefa mais importante dos adultos. Também as pessoas que não têm filhos próprios não podem esquivar-se do problema. Todos contribuem, com sua maneira de viver, para as feições características de nossa época. Visto que os nossos jovens têm que preparar-se para a vida neste mundo de hoje, e sendo o exemplo dos adultos o fator mais decisivo no campo da educação, devemos reconhecer que todos nós, querendo ou não, exercemos uma forte influência sôbre a nova geração. Quem sentir a responsabilidade que disto resulta, não pode deixar desapercebidos certos desenvolvimentos da vida moderna, que ameaçam mais e mais o nosso convívio e apresentam um verdadeiro perigo para o futuro da humanidade :um dêles é a crescente **desvalorização da palavra.**

Para compreendermos até que ponto de fato ela já está degenerada, só precisamos lembrar seu objetivo originário, claramente contido na Bíblia, à qual devemos as primeiras informações referentes à criação do mundo.

No primeiro livro de Moisés encontramos as seguintes passagens:

Disse Deus: Haja luz — e houve luz, e chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite.

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas — e assim se fêz.

E Deus os abençoou dizendo: Sêde fecundos e enchei as águas dos mares.

E deu Deus esta ordem ao homem: De tôda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás.

E disse Deus a Adão: **Maldita** é a terra por tua causa.

Resumindo tôdas estas declarações:

A palavra de Deus tem poder criador, desata acontecimentos e põe ordem no Caos. Ela torna eficiente a bênção e a maldição de Deus e transmite seus mandamentos a suas criaturas.

E a palavra do homem?

Êle foi criado à imagem de Deus e recebeu — única criatura — o dom da linguagem ,por isso êle pode e deve até certo ponto participar de tudo isto.

Êle é capaz de falar com Deus e de ouvir as suas manifestações, pode conversar com os seus semelhantes e assim conhecer os seus pensamentos e sentimentos — fato no qual baseia tôda e qualquer vida social — e domina as outras criaturas por meio de seus dons espirituais, que se fazem valer mediante palavras. Em resumo: Conforme a Bíblia, a palavra foi dada ao homem para que o ligue a Deus e ao próximo e sirva de meio para governar o mundo visível e edificar o reino de Deus.

A experiência mostrou que êste objetivo sòmente pode ser alcançado, se a palavra corresponder rigorosamente à verdade, acarretar ações e obedecer a um espírito de ordem e amor.

Em caso contrário não há meio melhor para desunir as pessoas e criar confusão no mundo em todos os sentidos.

Qual agora o uso que o homem do século XX faz da palavra?

De que forma os nossos filhos a ficam conhecendo na sua infância por intermédio dos adultos e como aprendem a usá-la?

Penso nos pais que tantas vêzes ameaçam os filhos com um castigo ou lhes prometem uma cousa boa e depois não fazem nem um nem outro.

Penso nas promessas de executar um concêrto ou fornecer uma mercadoria até um dia determinado, que tão raras vêzes são cumpridas; nos tratados entre os povos, solenemente assinados e legalizados que sem hesitação são violados em favor de outros compromissos que parecem ser mais vantajosos. Nem os esponsais são ainda considerados como válidos para a vida tôda. Não podemos seguidamente ler nos jornais, que tal e tal artista contratou matrimônio pela 3a. ou 4a. vez e que o número de divórcios está aumentando de ano para ano?

Eu pergunto: Como pode uma criança que diàriamente faz tais experiências, tomar a sério a sua própria palavra, acreditar o que os outros afirmam e enfim — e com isto chegamos ao ponto mais doloroso — dar fé à palavra divina e reconhecê-la como guia para a sua vida? Não nos iludamos. O fato de que a nossa juventude tantas vêzes não sabe dar o devido valor à Bíblia, à Palavra de Deus, explica-se em grande parte pela desvalorização da palavra em geral.

O diabo, quanto à palavra, teve um sucesso assustador. Está na hora de abrirmos os olhos para êste perigo que ameaça a felicidade temporal e eterna de nossos filhos e a existência de nossa Igreja que se baseia, em 1º lugar, na santa Palavra de Deus. Lancemos mão de todos os meios para enfrentá-lo e combatê-lo!

É verdade que não temos o poder para acabar, sem mais nem menos, com o mau uso da palavra no mundo. Em nossa casa e família, e isto seria mesmo o mais importante, podemos e devemos mostrar à criança o valor da palavra pelo exemplo dos adultos no cumprimento da palavra dada.

Mais tarde lhe mostraremos o poder e as conseqüências de uma palavra, positiva ou negativa, e em pouco ela compreenderá que o que foi dito, nunca mais pode ser chamado de volta.

O meio mais importante, todavia, para ensinar os nossos filhos a respeitarem e usarem devidamente a palavra humana, será a reflexão sôbre a Palavra divina, a fonte de tôda a nossa vida espiritual. Entretanto, só enfrentará a Palavra diniva com fé e confiança quem aprendeu a ter fé e confiança nas palavras dos homens.

IRMÃ MARIA

Lema do Ano Eclesiástico de 1960:

Não temas,
eu sou o primeiro e o último,
e aquêle que vive.

APOCALIPSE 1, 17/18

SABER E SABEDORIA

Efésios, 5,15

«Portanto, vêde prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios».

Meus alunos!

Hoje temos um breve culto por ocasião do início das aulas dêste ano letivo de 1959. E a nossa primeira palavra neste momento tem que ser uma palavra de agradecimento, de agradecimento a Deus.

Queremos dar graças a Deus por tudo o que êle nos tem dado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Porque dêle temos tudo o que possuímos: vida, saúde do corpo, do espírito e da alma, os pais, lar, família, o necessário para o corpo e a vida, a possibilidade de estudar e de crescer em «sabedoria, estatura e graça perante Deus e os homens».

Queremos sublinhar neste início das aulas: vós tendes o grande privilégio de poder estudar. Podeis preparar-vos para a vida, podeis integrar-vos no reino do saber humano, no reino da verdade, do bem, da cultura e da inteligência. E no meio dêste reino do saber humano podeis e deveis tratar de descobrir o reino de Deus e a sua justiça, deveis tornar-vos seguidores de Jesus Cristo em vossa vida.

E' um grande privilégio que tendes. Muitas crianças não o têm. Ùltimamente tenho lido que uma percentagem relativamente grande de crianças brasileiras não conseguem matricular-se numa aula primária para poder aprender as matérias básicas do ensino. E porque tendes êste privilégio, deveis agradecer a Deus.

Mas êste agradecimento tem que constar nisto: que cuideis prudentemente como andeis, não como os néscios, mas como os sábios.

De Jesus ouvimos que com 12 anos, êle cresceu em sabedoria, estatura e graça perante Deus e os homens. Crescer em sabedoria e graça perante Deus e os homens, andar sàbiamente, vêde a grande finalidade de vossos estudos.

Viver e andar com sabedoria e saber algo não é a mesma cousa. Entre sabedoria e saber há uma grande diferença conforme o conceito bíblico.

Saber é cultivar a inteligência; saber é adquirir conhecimentos; saber é ampliar os horizontes da vida. Mas saber ainda não significa ter carácter; saber ainda não é um procedimento responsável na vida; saber ainda não é viver humanamente na vida e servir ao próximo. O saber pode ser benéfico para o homem, mas pode também ser usado para fins egoísticos e em prejuízo do próximo. Saber pode destruir o carácter do homem. Pode-se fazer uso do saber sòmente para fins próprios, desrespeitando a Deus, prejudicando o próximo, desumanizando e pervertendo-se. Assim o saber em si não pode ser a finalidade do vosso estudo.

A finalidade do vosso estudo é um procedimento sábio em tudo que pensardes, falardes e fazerdes, é sabedoria. E sabedoria é um dom divino. Sabedoria é ter um coração confirmado, o que acontece pela graça. Sabedoria significa reconhecer; reconhecer a Cristo é melhor do que todo saber. Sabedoria significa ter Cristo como caminho, verdade e vida da própria vida. Sabedoria é o reconhecimento do sentido da nossa vida, que é a nossa ligação com Deus e com o próximo em Jesus Cristo. Sabedoria é a bússola firme para os nossos pensamentos, o nosso saber, as nossas palavras e para os nossos atos. Sabedoria é Jesus Cristo, é pensar com um coração confirmado pela graça, sabedoria significa fazer tudo o que fizermos em pensamentos, palavras e ações, fazer tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, agradecendo a Deus nêle.

Deus vos dê em vossos estudos tal sabedoria.

Pastor G. Reusch

«NULLA DIES SINE LINEA»

Esta é a hora em que, em sessão solene, recebereis o vosso Certificado de Conclusão do Curso Ginasial, Regosijais e convosco os vossos pais e professôres. Nada mais justo que isso, pois a luta foi árdua, o caminho foi longo e as ânsias e expectativas grandes. Igualmente grandes foram os sacrifícios .

A Escola Secundária visa à formação integral da personalidade e despertar e elevar o sentimento patriótico e humanístico e preparar o caminho para posteriores estudos. As três finalidades são importantes. Dentro do Ensino Secundário a Escola Secundária Evangélica ocupa lugar destacado. Foi criada como obra da consciência cristã evangélica em continuação à obra iniciada por vossos antepassados que, há mais de 100 anos, criaram, nesta localidade de Hamburgo Velho, a primeira escola evangélica no Estado. Estais, pois, em lugar histórico da Igreja Evangélica e em lugar histórico da vossa formação, fundamentadas na única e firme base e que perdurou apesar de dificuldades e interferências múltiplas no decorrer dos tempos.

Nulla dies sine linea: Isto a vossa Fundação queria mostrar durante os anos de estudos passados nela. Tôda a educação deve basear-se na fé cristã, se não quiser falhar. A história vos mostrou exemplos múltiplos como os homens procuraram, em todos os tempos, obter a felicidade e bem-estar neste mundo. Êles passaram e as suas idéias também. As mais diversas ideologias surgiram e os seus fundadores, talvez desesperados com o lento progresso da idéia cristã, em seu impulso impaciente, lançaram o mundo no caos e na desgraça. Êles esqueceram que a idéia cristã se assemelha a um grão de mostarda que é a menor existente, começa como um gér-

men invisível, mas está sujeito a atravessar tôdas as fases de lutas e perigos da vida terrestre. Também a nossa formação não está terminada. Mas guardemos o sentido da mesma parábola mencionada aqui: Jesus diz aos seus discípulos ainda mais: não tenhais mêdo e não sintais como sinal de fraqueza que assim seja. O caráter e a personalidade também só se formam lentamente, é um processo que se desenvolve dentro de nós. Terminaram os vossos estudos ginasianos. Saístes da casa paterna e entrastes na escola primária. Os vossos professôres ainda se assemelhavam mais aos vossos pais. Depois entrastes no Ginásio. Aumentou o fardo de vossos deveres. Lentamente percebestes que mesmas tivestes de assumir compromissos e responsabilidades e houve instantes talvez em que quisestes descarregar estas sôbre outros. Os vossos horizontes se abriram e chegastes a reconhecer que um ambiente de confiança contribuiu para que com confiança pudestes enfrentar os vossos compromissos e responsabilidades. O vosso tempo de estudos ginasiais coincidiu com o vosso tempo de confirmação. Ela ajudou-vos a reconhecer os vossos deveres e responsabilidades e cumpri-las e que nada podemos fazer neste mundo sem o auxílio divino.

Agora se abrirão novos horizontes e o lar paterno e a escola estarão longe muitas vêzes. Olhando o vosso ambiente e observando o mundo em redor de vós em muito se afigura negro e ameaçador. Duas guerras mostraram à humanidade a que ponto pode chegar. A evolução técnica levou o homem a um ponto de decidir sôbre ser ou não ser de sua existência. Êste, porém, é o raio de esperança que apesar de tudo permaneceu: que foi a idéia cristã que congregou os homens novamente, que superou o mal que ajudou em muito a minorar a miséria, que fêz com que os homens se encontrassem novamente numa base de compreensão e respeito mútuo. Esta certeza queremos levar nesta hora e esperamos nós, vossos pais, que a leveis convosco em vosso caminho futuro:

Eu sei que sempre dura, jamais nos deixará,
É base mui segura, em fundo eterno está:
É a palavra certa e firme do Senhor.
Com ela bem alerta eu fico sem pavor.

Assim alcançareis o vosso alvo: serdes elementos úteis à vossa Pátria, e felizes no desempenho da missão pela qual sentis vocação.

PROF. JOHANNES ZIEGLER

ELOGIO DO BEM

CLEÔMENES CAMPOS

Poeta sergipano

Amigo, faze o bem: êsse prazer dispensa
A maior recompensa.
Aquêles frutos saborosos
Que o teu vizinho colhe, às vêzes, a cantar,
Custaram, com certeza, os trabalhos penosos
De alguém que já sabia
Que nunca, em sua vida, os colheria . . .
Mas nem por isso mesmo os deixou de plantar.

ESCOLA NORMAL DA FUNDAÇÃO EVANGÉLICA

A subsistência de uma igreja, assim como de uma sociedade, depende de sua juventude. Se os filhos forem incapazes de preservar aquilo que deu união e arrimo a seus pais e avós, então estará ameaçado o futuro. Estados com tendência totalitária o sabem e portanto tendem a assenhorear-se das escolas. Uma igrerja e uma sociedade, dignas de sobreviverem, também o sentem, e não medem sacrifícios para exigir e manter instituições destinadas à formação de sua juventude — e um Estado verdadeiramente democrático não se exime de amparar material e moralmente tais instituições.

A nossa Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul sempre tem reconhecido esta verdade. Provam-no as 250 escolas primárias, mantidas com pesados sacrifícios por suas comunidades, que dão instrução a 18.000 crianças. Provam-no os 21 educandários de nível médio, promovendo um total de 33 cursos. O patrimônio criado com edificações e material didático deve somar a muitos milhões de cruzeiros. São números que impressionam a um observador superficial. Entretanto, mais importante do que paredes e móveis são os obreiros: os professôres com os seus conhecimentos científicos, com a sua formação didática e com o exemplo de sua atitude ante a vida.

Formar professôres, isto é, educadores que sintam a sua responsabilidade como cristãos evangélicos, é, portanto, uma das tarefas primordiais de nossa Igreja: professôres evangélicos para as escolas evangélicas e professôres evangélicos para tôdas as escolas onde estudem crianças evangélicas.

A tradicional Escola Normal Evangélica, em São Leopoldo, acaba de comemorar o seu cinqüentenário. A Escola Normal Martin Luther, em Estrêla, formará, neste ano, a sua 2ª turma de jovens professôras. Em 1958, fundou-se a Escola Normal Rural «Presidente Getúlio Vargas».

A Fundação Evangélica espera iniciar a formação de sua 1ª turma de jovens professôras em 1960. Fa-lo-á com o pleno apoio da direção do Sínodo Riograndense e desempenhar-se-á dessa tarefa, cônscia de sua função dentro da Igreja.

A Escola Normal da Fundação Evangélica estará equiparada ao curso colegial e, portanto, habilitará a aluna formada a inscrever-se em exame vestibular para curso superior (por exemplo, em Faculdade de Filosofia), além de conferir-lhe diploma de professôra primária, com direito a lecionar em qualquer escola, tanto particular como pública, tanto rural como urbana. Estão-lhe abertos os caminhos para cursos de especialização, mediante os quais exercerá funções de orientadora do ensino.

O novel Curso Normal será orientado pela chamada «Reforma do Ensino Normal», promovida pela Secretaria de Educação e Cultura — uma inovação muito interessante que multiplica as possibilidades de formação da estudante.

Na Fundação Evangélica terá a «normalista», se o desejar, a oportunidade de acompanhar também o completo Curso de Economia Doméstica, ficando as cadeiras adicionais assim distribuídas pelos 3 anos do Curso Normal:

1º ano: Trabalhos Domésticos, Decoração do Lar, Corte e Costura.

2º ano: Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha, Puericultura e Enfermagem.

3º ano: Higiene alimentar, Arte Culinária.

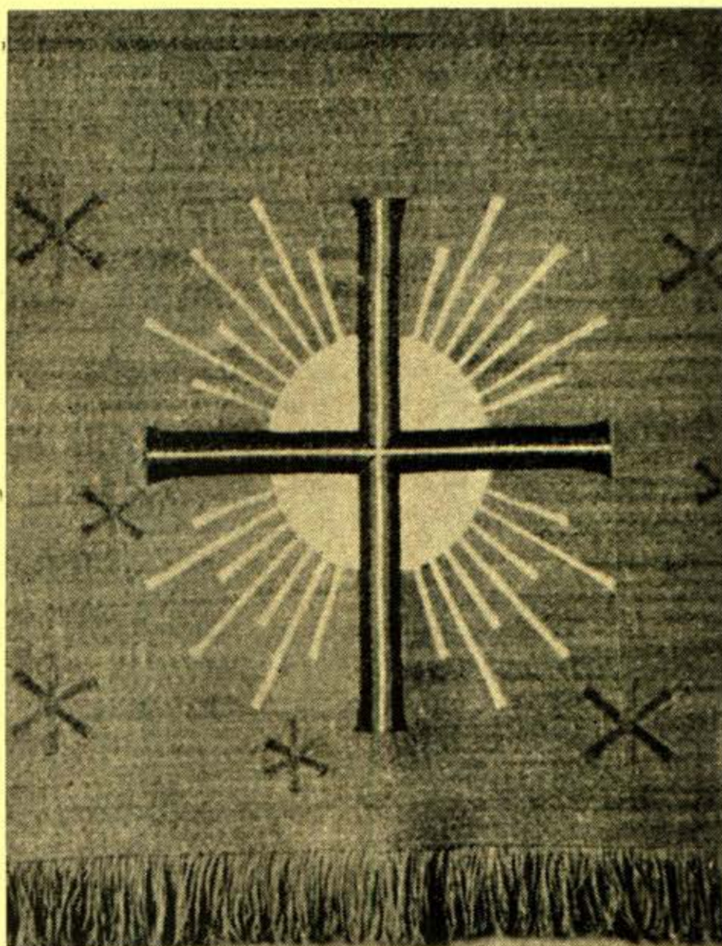
Sem dúvida esta modalidade — ao que parece, inédita no Estado — despertará um interêsse especial, e se enquadra perfeitamente dentro dos objetivos do educandário: a formação integral da jovem mulher, preparando-a para as suas tarefas na sociedade e no lar. Dificuldades de organização de horário e o fato de não se dever prejudicar os estudos no Curso Normal pròpriamente dito, impõem a restrição de sòmente alunas internas poderem participar dessas atividades adicionais.

A criação do Curso Normal de 2º ciclo é mais uma etapa (e certamente não a derradeira) na evolução da Fundação Evangélica. Uma senda perfeitamente definida conduz a êle, partindo do longínquo ano de 1886, quando as Irmãs Amalia e Lina Engel fundaram o «Töchterpensionat», passando por marcos como os anos de 1895, quando as 2 educadoras doaram a sua obra à Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul (daí o nome de «Stift»), 1932, quando foi inaugurado o alteroso edifício em Hamburgo Velho, 1945, quando foi oficializado o curso ginasial. E cumpre recordar que na Fundação Evangélica já existia um Curso de Preparação de Professôras Pré-primárias, que, apesar de ter existido apenas poucos anos, não deixou de exercer a sua influência benéfica por intermédio das senhoras que nêle se formaram.

Quando, na memorável noite de 24 de junho de 1959, o curatório da Fundação Evangélica tomou a corajosa decisão de aprovar a instalação do Curso Normal em 1960, fê-lo cônscio de sua responsabilidade, não apenas pelo educandário, como por tôda a nossa Igreja. Entretanto, nenhum dêsses homens ousara esperar o éco, que se fêz ouvir nesses curtos meses que seguiram: até à data em que essa crônica está sendo redigida, já se candidataram 31 jovens, vindas de todos os recantos do Estado, para prestarem o exame de seleção! Isso é significativo, se considerarmos o limite de vagas, que é 30, e o fato de ser uma iniciativa nova, que apenas conta com o prestígio do nome da escola que a tomou.

K. G. SCHMELING

Irmã Klara Schäfer:



PARAMENTOS

Tudo o que é belo serve à glória d'Aquêle que o criou. Também os paramentos, oferenda de gratidão, querem servir ao Criador. Nêles, um hino de louvor e glória se transforma em matéria e côr. Os paramentos conduzem à devoção e simultâneamente indicam, por intermédio de símbolos e sinais, o caminho à verdadeira compreensão daquilo que acontecerá num culto.

Assim como Deus criou os sêres em sua glória, assim também deu aos homens a faculdade de, utilizando múltiplos instrumentos, o cinzel e a broxa, o tear e a agulha, agradecer-lhe, cantando-lhe glória e louvor.

O têrmo «paramento» vem do latim «parare» — preparar. Com os paramentos é preparada a mesa do Senhor, o altar, para os cultos e a celebração da Santa Ceia.

Os paramentos são a vestimenta do Altar, e não um revestimento. Uma vestimenta acentua as características e as funções de seu portador — um revestimento esconde o portador e procura mostrá-lo diferente do que realmente é. E isso não deve ser. Os paramentos devem ser a vestimenta do altar, sôbre o qual serão postos o corpo e o sangue de Cristo. Êste é o sentido e a finalidade dos paramentos evangélicos.



Eis uma regra fundamental para o equipamento de uma igreja: Quanto mais próximo do sagrado evento, tanto mais valiosos devem ser os materiais e a obra artesanal.

Além dos antepêndios (do latim «antependium») pertencem aos paramentos a toalha de linho branco sôbre o altar e o «velum», que encobre o cálice, prato e jarro antes e após o seu uso na celebração da Santa Ceia. As côres litúrgicas figuram nos antepêndios, que «pendem» do centro do altar e da tábua de leitura do púlpito.

Com os paramentos não pretendemos antecipar-nos ao culto pròpriamente dito, nem tampouco devem os mesmos chamar demasiada atenção. Entretanto, uma observação mais carinhosa deve revelar a gratidão e o amor que moveu os corações daqueles que executaram essa obra.

Nós trabalhamos na fé e conscientes de nossa imperfeição. Todavia, a fé não é mero raciocínio, ela sempre é impelida a tomar forma, também a forma artística.

Segundo o nosso ponto de vista moderno é a ornamentação do altar tanto um ato de devoção como uma tarefa artística.

Desde maio do corrente ano, tem seu Gabinete de Arte Religosa na Fundação Evangélica a Irmã Klara Schaefer.

A Irmã Klara especializou-se nos «Werkstätten für Evangelische Paramentik», na Alemanha, sob a orientação de Kurt Wolff, e, de volta ao Brasil, instalou-se em 2 salas da Fundação Evangélica onde trabalha ativamente na confecção dos inúmeros pedidos que tem recebido das Comunidades.

As visitas ao gabinete têm sido freqüentes, especialmente de grupos de senhoras da Ordem Auxiliadora de Senhoras.

Para a Fundação Evangélica é grande satisfação poder abrigar a Irmã Klara por cujo trabalho, pioneiro no Brasil, as nossas alunas têm manifestado o mais vivo interêsse. Desta maneira será o mesmo prestigiado e tornado conhecido em nossas Comunidades donde procedem as mesmas.



Alunas da Fundação observando o trabalho da Irmã Klara. Haverá seguidoras?

CINQÜENTENÁRIO DA ESCOLA NORMAL EVANGÉLICA

Juntamente com a realização do 2º Dia do Ex-Aluno, a Escola Normal Evangélica de São Leopoldo comemomrou, a 26 de julho de 1959, o cinqüentenário de sua existência, em meio das mais expressivas manifestações de regozijo e gratidão de seus ex-alunos, alunos, professôres, membros das comunidades e de tôda a Igreja Evangélica do Rio Grande do Sul, quiçá do Brasil.

A Irmã Klara especializou-se nos «Werkstätten a história da ação educacional evangélica em nosso Estado, que a precedeu por mais 3/4 de século, bem que merecem ser lembrados como uma contribuição das mais valiosas à obra da educação e da cultura no Rio Grande do Sul.

Já na segunda metade do século passado, ou melhor, em 1869, pela primeira vez e, posteriormente, em sucessivos concílios, depois da organização do Sínodo Riograndense, discutiu-se a necessidade da fundação de uma escola preparatória de professôres para as escolas paroquiais, que desde os primórdios da colonização alemã vinham funcionando nos núcleos coloniais, que em número cada vez maior se disseminavam pelo Estado, em geral atendidos por elementos sem preparo profissional ou por professôres estrangeiros, recrutados para preencher as lacunas que avultavam à medida que se expandia a colonização.

As autoridades eclesiásticas sentiam o problema em tôda sua crueza e na primeira década dêste século as providências para achar uma solução, se sucediam, sempre desfeitas por insuperáveis dificuldades financeiras.

Eis que em 1908 se resolve instalar a partir de março de 1909, em Taquari, nos asilos Pella e Bethania, um curso preparatório de professôres, recrutando-se seus alunos entre os órfãos mais bem dotados e jovens da zona rural que tivessem vocação para o magistério.

Efetivamente, em 1909, tiveram início as aulas do curso sob a direção do Pastor Lic. Thieme. Um ano depois o concílio sinodal resolveu a sua transferência para Santa Cruz do Sul, onde passou a funcionar na Escola Sinodal, hoje Instituto Mauá. Em 1913 confiou-se a direção do então já denominado Seminário Evangélico ao reitor Strothmann. Em dezembro de 1913 prestaram exame regulamentar, sendo declarados aptos para o exercício do magistério, quatro alunos, dos quais um, o prof. Carlos Bencke, ainda está no exercício do magistério. Até o ano de 1923 a Escola expediu o diploma de professor a 41 formandos.

Em 1926 o Seminário foi transferido para São Leopoldo ,onde juntamente com o Instituto Pré-Teológico passou a funcionar em prédio próprio localizado à frente da Praça do Monumento, às margens do Rio dos Sinos, onde ainda se encontra.

Depois de 1938, em vista da necessidade de adaptação a novas condições de funcionamento que teve de enfrentar o ensino particular neste período, agravada pela dificuldade de regularizar, por sua vez, o funcionamento da Escola Normal Livre de acôrdo com as leis do ensino vigorantes, o número decaiu ràpidamente e a escola se viu na contingência de encerrar transitóriamente as suas atividades. Instalou-se no prédio a Escola Técnica de Comércio São Leopoldo.

Após o reinício das atividades em caráter provisório, a partir de 1948, o estabelecimento foi oficializado em 1954 e passou a funcionar como Escola Normal Regional. Em 1957 a primeira turma de 21 candidatos ao magistério prestou o exame regulamentar, seguida de outra em igual número, em 1958, todos êles atualmente no exercício do magistério particular ou público, neste Estado e em Santa Catarina.

Já agora alicerçada numa tradição pedagógica de meio século, a Escola Normal Regional Evangélica, dentro da orientação espiritual da Igreja Evangélica do Rio Grande do Sul, continua a obra de formação de professôres, que além de profissionalmente capacitados, sejam portadores de uma missão cultural, que não só se deverá

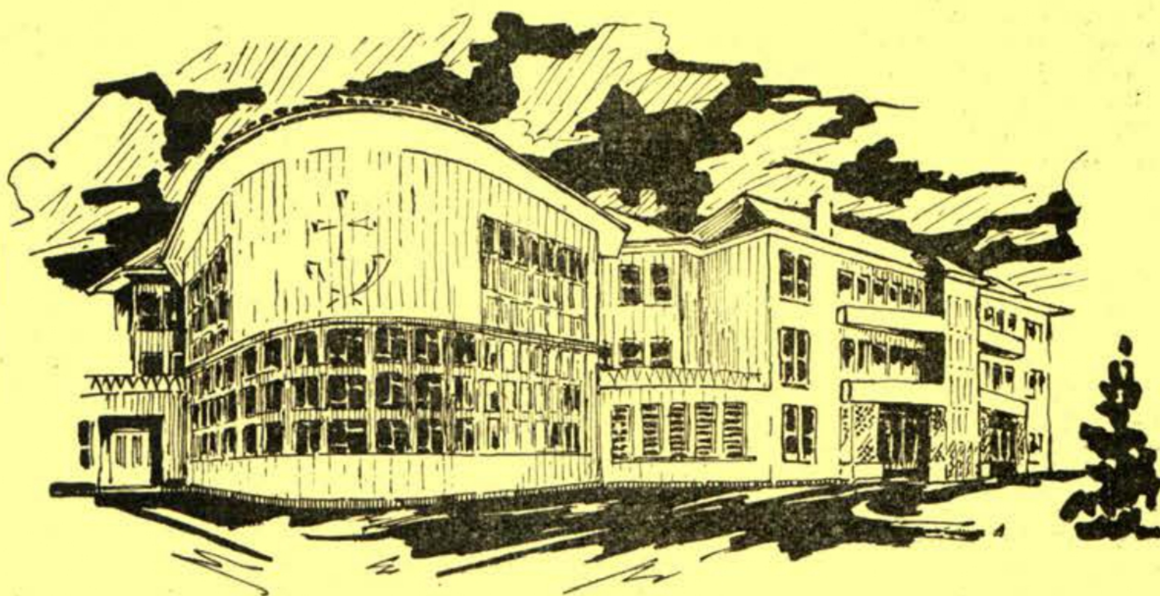
fazer sentir na escola em que lecionarem e sim em tôda comunidade a que servirem.

Mantêm vivos os alunos — tradição escolar das mais gratas — os laços de perfeita união entre a Escola e as Comunidades donde provieram e para onde voltarão no exercício de sua vocação, através das excursões culturais que realizam em todos os períodos de férias, aos mais longínquos recantos do Estado e do próprio país.

Prenuncia-se promissor o futuro da Escola com a sua transferência à vila de Ivoti, município de Estância Velha, onde, em ambiente perfeitamente sintonizado com o em que os jovens professôres futuramente desempenharão a sua atividade, será instalada em moderno prédio a ser construído em extensa área que oferece possibilidade ilimitada de expansão.

Estará, assim, a Escola Normal Regional Evangélica capacitada de continuar a dar a sua valiosa contribuição à causa do ensino no Rio Grande do Sul.

WILMAR E. KELLER



FACULDADE DE TEOLOGIA — SÃO LEOPOLDO

No dia 4 de outubro p.v., a Faculdade de Teologia da Federação Sinodal estará inaugurando festivamente seu segundo prédio. A incansável e desprendida colaboração de pràticamente tôdas as comunidades da Federação Sinodal, especialmente a ação da Legião dos Construtores da Escola de Teologia e grande número de auxílios de tôdas as partes possibilitaram a construção dêsse Prédio Principal, indispensável para o desenvolvimento e as atividades da Faculdade, no curto espaço de ano e meio.

Enquanto que, até agora, a Faculdade só podia acolher 32 estudantes, a nova construção oferece lugar para mais 17, de modo que um total de 50 estudantes pode estudar atualmente aqui. Com o novo edifício, a Faculdade tornou-se também, afinal, independente econômicamente: desde o início do ano letivo corrente ,os estudantes fazem suas refeições na própria Faculdade, deixando assim de sobrecarregar o Instituto Pré-Teológico e o Colégio Sinodal, no que se refere a acomodações e abastecimento. Uma bonita cosinha, modernamente instalada, com os compartimentos contíguos necessários, um apartamento para a governante e dormitórios para empregadas também estão sendo utilizados, bem como um refeitório amplo, arejado e dotado de bom gôsto, onde o Professor Fahrion, de Pôrto Alegre, pintou excelente mural sôbre a curvatura de uma das paredes, o qual quer estimular os comensais para o devido cultivo das refeições, pela boa conversação e troca de idéias.

Sôbre o refeitório, no pavimento seguinte, encontra-se a capela, simples mas impressionante, com uma capacidade de 150 pessoas. Defronte, igualmente no centro do complexo, a sala de leitura e sôbre esta, dois depósitos da biblioteca interligados por uma escada estreita, nos quais poderão ser dispostos cêrca de 50.000 volumes.

Do semicírculo aterrado, em frente da construção, podemos contemplar melhor a fachada norte, com sua clara estrutura: as linhas horizontais das sacadas e as altas colunas da biblioteca. Nesse lugar, sòmente podemos estacar com coração transbordante de gratidão. Vindo da direção sul, somos saudados pela cruz de ferro sôbre vaso côncavo, fixada na parede arredondada que corresponde ao lugar do altar. É o distintivo da Faculdade, o qual nos quer lembrar o verdadeiro sentido de todo nosso trabalho e convivência, a saber, que nos deixemos preencher de Sua graça, a fim de nos tornarmos autênticos mensageiros do Seu Evangelho.

DA CASA MATRIZ — PARA VOCÊ

São Leopoldo, 3 de outubro de 1959.

Querida amiga Ursula:

Já deves estar bem aborrecida comigo, por eu me ter demorado tanto em escrever-te. E tens razão. Mas não penses que me esqueci de ti, ou, porque agora sou irmã, nossas relações são outras. Que nada! Somos as mesmas amigas de antes, e não há nada que se opõe a isto. Ou acaso achas que o hábito distancia?

Sabes, depois que me decidi a ser irmã e antes de vir a São Leopoldo, no comêço do ano, eu tinha receios quanto à maneira de vida das irmãs. Achei que não poderia ser feliz com aquêle hábito que torna a gente tão diferente! (Iria aceitá-lo, naturalmente, porque por um motivo externo como êste não iria desistir do caminho para o qual me sinto chamada por Deus.) Mas isto foram preconceitos que se desfizeram logo que ingressei na Casa Matriz, isto é, que recebi o meu hábito para dali por diante usá-lo sempre. Vi que uma pessoa não precisa tornar-se outra, mesmo mudando sua aparência externa. O que naturalmente muda também é o rumo da vida: decidi-me então a servir a Deus, dedicando a minha vida aos que necessitam de auxílio.

Não imaginas como sou feliz! Gosto também do meu hábito.

E a vida aqui? Dirá alguém que não é boa! Ih! dizem uns, isto lá deve ser como convento. Por que as irmãs não vão ao cinema? Por que não fazem isto e aquilo?

Ora, ninguém nos proibe de ir ao cinema — pois é, nem isto! Mas, apesar de haver gente que não acharia certo se nós fôssemos, será mesmo necessário à formação de uma pessoa, ir a cinema? Dos poucos filmes bons, os seus livros são sempre ainda melhores.

Bem, isto é um problema que poderia ser discutido. Mas não é tão importante, não. Acho que há problemas muito mais importantes para nós. Por exemplo: como podemos diminuir a miséria no mundo? Ah, não quero falar no mundo. Êle é grande e nós, pequenos. Mas de certo já ouviste falar do «Asilo Pella»? Pois ali há gente — coitada mesmo. Quando ainda estive em Estrêla, fizemos uma excursão para lá. Fiquei mesmo com pena daquelas crianças — tão abandonadas! — daqueles velhinhos — muitos dêles doentes. Agora já se está dando cada vez mais atenção ao caso com os acampamentos da juventude etc.. Mas ainda não é o suficiente.

Bem, as minhas considerações por certo já estão «chateando». Pois vou mudar de assunto. Vou contar algo da vida que levo aqui.

É pena que tu ainda não conheças a nossa Casa Matriz. Que tal, não queres visitar-me uma vez? Como eu ficaria contente!

Tu não podes imaginar como o nosso jardim está bonito, agora que tudo está em flor. Também dentro de casa, por tôda parte há flôres. Uma das nossas irmãs tem um dom todo especial para arrumar vasos. É a «irmã das flôres» como dizemos. Mas é claro que ela não se ocupa só com flôres — é modo de dizer. Mas nós temos uma bem organizada distribuição de trabalho. Isto é preciso, porque a casa é grande. Cada irmã tem o seu trabalho fixo. De mês em mês, ela muda de campo de trabalho. Acho êste sistema muito bom, porque uma irmã, enfim, deve aprender de tudo e ela aprenderá direitinho algum trabalho, fazendo-o seguidamente durante certo tempo. Já estou esperando o dia em que possa trabalhar no departamento das senhoras, ou melhor, das nossas velhinhas. Será um bom preparo para o futuro serviço de enfermeira.

Por enquanto estou na cozinha. Também é bom Mas por falar em cozinha, sabes, a comida aqui é muito boa. É simples, mas gostosa. E sinto-me em casa, aqui. Dou-me muito bem com as outras irmãs. Rimos, somos alegres, mas a necessária seriedade também não falta quando se trata de assuntos de caráter sério.

Mas, agora falei mesmo só de mim, não é? E tu como vais? Muito que estudar? Parece mentira que o ano já está quase no fim outra vez, não é? Passou voando!

Bem, preciso terminar. Desejo-te bons estudos. Não esqueças de me responder. Muitas lembranças também às tuas amigas.

Um abraço da tua

RUTHILD



COLABORAÇÕES DAS EX-ALUNAS



FORMAÇÃO DE PROFESSÔRES PRIMÁRIOS

Dentro em breve a Fundação Evangélica terá o seu curso de formação de professôres. Novas perspectivas se abrem com esta notícia. Muitas môças escolherão o magistério como carreira e receberão uma formação dentro dos moldes da filosofia cristã evangélica. Como professôra apaixonada pela educação primária, não podemos deixar de levantar a questão inicial: a Fundação Evangélica, com seu curso de formação de professôras, contribuirá para a formação de professôras primárias **que acreditam na escola primária?**

Por que esta pergunta? Que experiência poderiam levar uma pessoa a formulá-la? Vejamos sob a luz inclemente da verdade a situação tal qual a observamos.

A escola primária em tôda a América Latina ainda não conseguiu o «status» que ela necessita ocupar na opinião pública. Para um grande número de pais a escola primária não tem outro propósito senão o de ensinar a leitura mecânica, a escrita também mecânica, e os mais mecânicos rudimentos de aritmética. A grande aspiração dos pais é o curso ginasial. Sòmente depois de vencido o exame de admissão ao ginásio seus filhos adquirem, «status» e prestígio. Um grande número de professôres também acreditam isto, e como resultado criam em tôrno de si uma cápsula impenetrável que se chama rotina. Essa pouca fé em sua importância e na importância da escola primária não desafia os professôres como pessoas capazes de produzirem trabalho original e creador, nem favorece o aperfeiçoamento do professor primário como profissional.

Olhemos para os nossos colegas da escola primária em qualquer oportunidade em que se reunem professôres dos demais graus de ensino. Por que assumem essa atitude humilde? Por que se dão êsses ares de inferioridade? Por que essa receptividade para com idéias alheias sem analisá-las e sem submetê-las ao raciocínio próprio?

Humildade, atitudes que demonstrem sentimentos de inferioridade e de inadequação aparecem, e ocultos e amortecidos ficam o entusiasmo e a fôrça creadora, que são os dois aspectos básicos na personalidade do educador.

Mas o que se pretende que a Fundação Evangélica faça para que suas formandas sejam professôras primárias que enfrentam sua tarefa de cabeça erguida, com fé em sua capacidade de educar crianças e, acima de tudo, seguras da grandeza da profissão que escolheram?

Enumeremos pequenas cousas que nos parecem importantes dentro do currículo de uma escola normal.

I — Formação do hábito da leitura

Nossa experiência como professôra, como diretora e como supervisora do ensino primário, nos diz que poucos professôres primários em exercício lêem livros ou qualquer outra obra especializada após sua efetivação no cargo. O momento da formatura significa o fim de qualquer curiosidade para com o que acontece no mundo das pessoas que se preocupam com os problemas da educação. Não há curiosidade por saber mais, e dentro em pouco a rotina levanta aquela muralha de defesa contra qualquer idéia nova. Muitos dos nossos professôres enfrentam os supervisores com atitudes hostis, agressivas, e que nada mais são do que mêdo e insegurança em face de algo que possa interferir com a rotina que lhes oferece tanta segurança.

A escola normal necessita criar um espírito de insatisfação nos estudantes. Insatisfação no sentido de manter viva a vontade de saber sempre um pouco mais, e por isso deve ser criado o hábito da leitura. Acreditamos que o hábito da leitura e a capacidade de escolha da leitura adequada não se forma automàticamente nas pessoas jovens. E' preciso que se aproveite o período de plasticidade para que se forme êsse hábito, porque não conhecemos um único caso em que um professor maduro o tivesse adquirido para o seu aperfeiçoamento em exercício.

II — O clube de línguas como atividade importante no currículo da escola normal.

E se nos interrogassem sôbre o valor do estudo de línguas estrangeiras na escola normal, nossa resposta seria: — elas merecem a máxima atenção. A experiência que tivemos em muitos casos nos diz que o professor primário em geral não acompanha os progressos no campo da educação por falta de capacidade de ler e de compreender uma língua além do português. Tivemos oportunidade de observar professôres primários como bolsistas do Curso para Especialistas em Educação Para a América Latina, empreendimento realizado segundo o Projeto Maior para a América Latina e do qual estamos participando como regente da cadeira de Supervisão e Problemas da Escola Primária. Vimos em muitos casos que professôres interessados e estudiosos fracassam como bolsistas porque não podem aproveitar a rica biblioteca que se lhes oferece, nem podem acompanhar as aulas dos especialistas estrangeiros que cooperam nesse curso.

A organização dos clubes de línguas estrangeiras na escola normal deveria ser bem planejada. As leituras e as discussões deveriam atender rigorosamente aquilo que a normalista necessita para a compreensão de pontos de vista variados, de princípios, de conceitos, de filosofia e de prática em educação. Os conhecimentos de gramática adquiridos pela normalista em seu preparo ginasial são suficientes para que ela sôbre êles edifique sua capacidade de entender o que se diz numa língua estrangeira.

Parece-nos que até agora as escolas normais apenas têm contribuído para que seus alunos esqueçam seu belo início de conhecimento do inglês e do francês. Essas línguas, em completo desuso durante três anos, perdem-se como chuva na areia e isso poderíamos evitar se soubéssemos manter bem organizados clubes de línguas na escola normal.

III — Formação do espírito de pesquisa e de investigação.

Para que se dê o aperfeiçoamento em exercício, o que quer dizer o constante desenvolvimento e crescimento profissional do professor, é preciso que êle seja dominado por um espírito de pesquisa e de investigação. Não faltarão aquêles que consideram o professor primário incapaz de pesquisa e de pensamentos científicos, mas, e em defesa da nossa idéia, acrescentamos que existe um método chamado pesquisa em ação, especialmente elaborado e adaptado às capacidades do professor primário. A pesquisa em ação tem o incomparável mérito de levar o professor primário a descobrir as causas dos problemas de aprendizagem de seus alunos, e também os leva aos porquês de seus próprios fracassos como profissional. O espírito de pesquisa e de investigação é o grande inimigo da rotina. Esperamos que nossos leitores compreendam a razão porque desejaríamos que êsse inimigo fôsse alimentado em nossa futura escola normal.

IV — Professôres da escola normal e a realidade que se chama sala de aula.

Quanto aos professôres que educarão as normalistas da Fundação Evangélica ,também a êles nos dirigimos oferecendo o fruto de nossa experiência com os assuntos da escola primária. O aspecto que conhecemos é o de absoluto divórcio entre os professôres da escola normal e a realidade que se chama sala de aula da escola primária. Não nos parece possível que êsses professôres possam verdadeiramente preparar suas alunas para um ambiente cujas características êles mesmos desconhecem. Se essa não fôsse a verdade, porque então o desespêro que em tantos casos observamos quando a normalista recém formada enfrenta a sala de aula?

Parece-nos que no currículo da escola normal há lugar para visitas dos professôres a escolas primárias e principalmente para a participação em reuniões de professôres dessas escolas, ocasiões em que surgem vivos e crus os problemas diários e constantes. Assim informados os professôres levariam precioso material que certamente tornaria as suas aulas mais eficientes.

V — A contribuição da primeira turma de formandas.

E o tempo continuará a escoar sôbre a Fundação Evangélica. Célere passarão os três anos, e uma turma de jovens professôras partirá para exercer a profissão. Irão educar crianças. Irão trabalhar o material mais precioso que existe sôbre a Terra. E elas terão sucessos e fracassos, e aqui permito-me apresentar uma última sugestão.

Acreditamos que turmas novas de professôras deveriam retornar à instituição que as preparou a fim de apresentarem um relatório fiel de seu primeiro ano de trabalho. Seria uma reunião no fim dêsse primeiro ano de magistério, uma ocasião em que principalmente duas grandes questões seriam levantadas:

1 — Cousas que eu aprendi na escola normal e que me foram imensamente úteis neste primeiro ano de trabalho;

2 — Cousas que me fizeram uma tremenda falta, e que eu deveria ter aprendido no curso de formação de professôres da Fundação Evangélica.

Desta maneira o currículo do curso de formação de professôres poderia ser constantemente renovado. Seria esta uma valiosa contribuição das turmas formandas, ano após ano.

Depois de tudo isso, desejamos acrescentar que acreditamos em um ótimo curso de formação de professôras primárias da Fundação Evangélica. Que êsse curso forme profissionais capazes e conscientes de sua tarefa. Que Deus inspire nossas jovens futuras mestras com amor e compreensão para com a criança, porque o caminho que conduz à inteligência dos pequenos passa pelo coração.

DALILLA C. SPERB

A ODONTOLOGIA E A MULHER

Odontologia, palavra originada de dois radicais gregos — odonthos: dente, logia: ciência, estudo — compreende a ciência que estuda o dente e tudo o mais que se relaciona com êle.

Como tôda ciência, a Odontologia tem evoluído grandemente nos últimos anos. Longe está a Odontologia de nossos avós, quando era considerada a ciência do «arranca-dente». Ela evoluíu. Hoje não **arrancamos** dente, mas o extraímos, o que quer dizer que o dente, sendo um órgão vital e essencial ao bom equilíbrio funcional do organismo, é considerado com tôdas as atenções que merece qualquer outro órgão, tal como o fígado, e, quando esgotadas as possibilidades de conservá-lo compatível com a saúde do organismo, é êle **extraído**, de acôrdo com os princípios da técnica, sendo um dos principais a eliminação da dor.

Isto para especificar a noção mais generalizada da Odontologia ao lado da qual situa-se, ainda, a **chumbação.** Não, a Odontologia não se limita a extrair e obturar dentes. É preciso compreender isso, para então aceitar de que não se formam mais **dentistas** e sim, **cirurgiões-dentistas.**

Por que cirurgiões-dentistas? Por que extrair um dente é cirurgia?

Sim, exatamente, cada extração de dente é uma cirurgia, que requer sejam considerados fatôres locais e gerais do paciente; mas o campo do cirurgião-dentista não se limita à extração de dentes. A cirurgia pode abranger a extração de tumores sediados no maxilar superior ou na mandíbula; correção de maxilares proeminentes; ressecção parcial ou total de maxilares e sua substituição por prótese; cirurgia de fissura palatina (goela de lôbo), e lábio leporino, que compreende a fenda da abóbada palatina, podendo atingir o lábio, e que dá a voz nasalada.

Citados, assim, alguns aspectos da cirurgia oral e que compete ao cirurgião-dentista, convém salientar os diferentes campos de especialização que proporciona a Odontologia.

Sob o ponto de vista estritamente profissional, o cirurgião-dentista pode fazer clínica, e nesta especialidade incluir pequenas cirurgias, quais sejam, extrações dentárias simples ou se dedicar exclusivamente à prevenção da cárie e ao seu tratamento. Dentro da clínica pode, ainda, preferir a endodontia que compreende o tratamento dos canais radiculares, ou a periondontia, isto é, se dedicar à prevenção e tratamento das moléstias que atacam as gengivas e tecidos que circundam o dente, tais como a piorréia.

Fugindo à clínica, temos a prótese que compreende as dentaduras, pontes, pivots, blocos etc. a ortodontia que corrige as más formações dentárias ou maxilares; a cirurgia que, como já vimos, abrange um vasto campo, e, para finalizar, a odontopediatria, isto é, a clínica exclusiva de crianças, ramo tão importante e cujo valor apenas nos presentes dias está sendo compreendido. E se já está sendo compreendido, não o é por todos, porque ainda muitas mães não vêem a necessidade de se dedicar cuidados aos dentes de leite. Ora, êles vão cair e nascerão outros, dizem. Mas, e os malefícios que resultam para a criança dos dentes de leite desleixados, cariados? Psicològicamente, a criança adquire a noção da dor e, muitas vêzes, o mêdo à pessoa que irá mexer no dente que já lhe dói — o dentista — quando fôr levado a êle.

Além dos efeitos psicológicos, os funcionais são de graves conseqüências :assim, a criança não poderá mastigar convenientemente os alimentos, prejudicando a digestão, e a perda prematura dos dentes de leite levará a uma posição viciosa dos permanentes, geralmente, por falta de espaço na arcada, a menos queo dente de leite perdido seja substituido por aparelho especial.

Fora do campo profissional, pròpriamente dito, o cirurgião-dentista pode dedicar-se a ciências afins à Odontologia, quais sejam a Fisiologia (funções), Histologia (tecidos e células), Patologia (doenças) e Microbiologia (estudo dos micróbios), escolhendo a pesquisa científica, ou a pesquisa clínica que cabe tanto ao cirurgião-dentista, como ao médico, farmacêutico ou agrônomo.

Em uma profissão que apresenta tantas oportunidades para que o profissional se adapte de acôrdo com sua inclinação, haverá grandes possibilidades para a mulher vencer?

Sem dúvida alguma que sim, mormente em uma época em que a mulher e o homem pugnam nos mesmos campos. Pela evolução dos tempos e por fôrça de diversas circunstâncias, a mulher já não encontra limites para suas atividades, porém, muitas vêzes, necessita, para se equiparar em condições de igualdade ao homem, de vencer muitas restrições e dificuldades em inúmeras profissões.

Tal não sucede, porém, na Odontologia, onde a mulher encontra campo aberto para suas atividades e sem grandes sacrifícios. De fato, é uma carreira que se coaduna perfeitamente com a inclinação natural da mulher, ou seja, ter um lar e filhos, dedicando-se a êles também, pois, além de poder exercer a profissão durante parte do dia, pode fazê-lo, ainda, em sua própria casa, não descurando de suas responsabilidades, profissionais e domésticas.

Um dos ramos da Odontologia, a Odontopediatria, possibilita mesmo que seja dada vasão aos instintos maternais da mulher, pois ninguém melhor do que ela para saber conquistar as simpatias de uma criança e compreender seus diminutos anseios, o que exige, muitas vêzes, uma fonte inesgotável de paciência.

Observada, portanto, a Odontologia no seu sentido mais amplo, vemos que nela tanto encontramos orientação para nossas habilidades manuais, base de nosso sucesso profissional, como para as inclinações à pesquisa pura nas ciências básicas do curso, à carreira do magistério, e, finalmente, ao desejo simples e nobre de aliviar as dôres e sofrimentos do próximo.

ILKA LANDGRAF - 1949

IMPORTANTE NOTÍCIA PARA AS EX-ALUNAS DO CURSO DE ECONOMIA:

Em 27.5.59, recebeu a ex-aluna Dulce Thofehrn (1951) o registro de professôra de Economia Doméstica, concedido pelo Ministério de Educação e Cultura com base no certificado expedido pelo curso da Fundação Evangélica, que a habilitará a assumir a cadeira de Economia Doméstica em qualquer ginásio brasileiro.

Já é a 2ª manifestação oficial a favor do nosso «Curso Complementar» pois, conforme anunciamos em «Notícias 1957», a ASCAR o reconhece como base para o preparo de Supervisores de Economia Doméstica.

Teremos prazer em ajudar as ex-alunas interessadas em requerer o seu registro junto ao MEC. Peçam-nos informações mais detalhadas.

A PRIMEIRA NOITE NA FUNDAÇÃO

Cheguei à Fundação lá pelas cinco horas da tarde de domingo, dia 3 de março de 1958. No meu quarto («apartamento» 63) já havia uma cama feita, mas eu não sabia de quem. Arrumei as minhas coisas e, quando meus pais partiram, fiquei perdida naquele «labirinto» de corredores e misteriosas escadas. Não conhecia ninguém e estava com uma pena imensa de mim mesma, tão só e abandonada naquele casarão enorme e hostil, e meus pais tão longe. Coitadinha de mim...

Nisto, chegou a hora da janta e, a essas alturas eu já conhecia três das minhas quatro futuras companheiras de quarto, mas só as havia visto mais ou menos de passagem. Com uma porém, até já tinha «passado em revista» o colégio, se não me engano tendo como guia a D. Ilse. E me lembro de ter dito, quando estávamos lá nos chuveiros: «Eu tenho certeza de que nunca vou saber por que escada subir, que corredor pegar, em que lugar dobrar». Mas como se aprendem estas coisas ligeiro... Não me lembro do que fizemos depois da janta; só me lembro da hora de dormir. Éramos quatro, a quinta ainda não tinha vindo. Era um calor insuportável e nós nos deitamos sôbre as camas com ar de guriazinhas que levaram uma surra, porque não conhecíamos as camas, os quartos, e não nos conhecíamos umas às outras. Que momento trágico!!! Cada uma era uma parte isolada, não havia contato entre nós; cada uma com sua tristeza e seu pouquinho de mêdo.

Mas vocês acham que se passa uma noite na Fundação assim, sem falar? Não mesmo, nem sequer a primeira!!!

Começamos a farra, quando uma perguntou timidamente (esta qualidade ela nunca perdeu!) se nós aceitávamos uns bombons de cereja que ela trouxera. Foi um alvorôço. Todo mundo se atirou. Eu peguei meu belo e enorme bombom, tirei o papel, sentei na beira da cama e... dei uma vasta mordida. Para quê! O bombom estava cheio de licor! Além de perder o «precioso líquido», ainda fiquei com mãos, pernas, cama e chão completamente lambuzados. Mas não era só eu! As outras tinham feito o mesmo! E agora! Que fazer? Não podíamos peregrinar em massa para o banheiro; ficamos naquela «doçura» até que uma criou coragem de ir sòzinha e buscar um pano molhado para tôdas. Estava superado o desastre...

Aí resolvemos ir para a janela (isto quando já deviam ser umas 23 horas). Ficamos as quatro na janela, olhando a cidade, as luzes e a paisagem tão romântica... De repente veio a sensação: em baixo passava um «casalzinho»! Nós quase tivemos um ataque, e nos debruçamos até onde desse na janela. E os dois pararam e olharam para cima! De nossa parte, houve um pulo para dentro do quarto. Voltamos para a janela. Lá estavam êles ainda. E nisso o homem gritou: «Como é, é boa a primeira noite na Fundação?» Nós, em côro: «Bah! ótima!» E êle: «Querem que eu ligue o rádio para vocês?» Nós estávamos «boiando» de que rádio o homem estava falando? Em todo caso, dissemos que sim. Emoção! Suspense! Nisso, ouvimos o ruído duma veneziana que se abria, e quase desmaiamos em conjunto: seria a D. Sibylla? Corremos para as camas e eu, ainda tão «inexperiente», prontamente derrubei uma cadeira. Imaginem o barulhão! Ficamos deitadas com a respiração prêsa, mas nada de D. Sibylla no papel de «Anjo vingador». De repente, o milagre: música! Foi aquela animação: esquecemos de prender a respiração no mesmo instante e ficamos discutindo durante horas quem seria o misterioso músico. Ora, quem seria?! Só podia ser o «seu» Telmo, não é «seu» Telmo? E nós com tôda aquela emoção de «parzinho» desconhecido, nem sabíamos que era o nosso venerável e respeitável futuro professor com sua espôsa!

Bem, naquela primeira noite dormimos muito, muito tarde, e levantamos já às cinco horas da madrugada (isso mesmo, às cinco horas; loucura, mas nós éramos loucas mesmo!) E quando descemos para o primeiro café, já se dera o milagre: os corredores e escadas já não eram tão «labirínticos», ou ao menos não mais tão estranhos e apavorantes; e nós, gurias, descíamos a escada de mãos dadas, com um sorriso de uma orelha à outra. Já não éramos mais partes isoladas, e sim um grupo sòlidamente formado, o nosso grupo, «a turma do apartamento 63».

REGINA RITTER — 1958

CASA DA ESTUDANTE EVANGÉLICA DO R. G. SUL

O lar para a estudante evangélica em Pôrto Alegre já tem sido — ainda continua a ser — uma grande preocupação. Primeiramente, preocupa as mães do interior, que estão na iminência de enviarem suas filhas para um lugar estranho, onde possam aperfeiçoar seus estudos. Em segundo lugar, preocupa aquelas pessoas que vivem nesta grande cidade, vendo diàriamente as numerosas dificuldades que algumas estudantes precisam vencer.

Tomando conhecimento de alguns problemas dêste grande número de môças do interior, que continuam seus estudos em escolas superiores, certifica-se cada observador da indispensabilidade da Casa da Estudante Evangélica. Chegou o momento em que êste ideal dirige-se com passos bastante acelerados à concretização.

Antes, porém, de conversar um pouco sôbre o plano de uma futura Casa da Estudante, desejo também deixar mais ou menos claro o verdadeiro porquê desta realização.

Nós bem sabemos que o número de môças do interior, cujo ideal é aperfeiçoar os seus conhecimentos, eleva-se anualmente. Apesar do aparecimento de Faculdades em cidades do interior, são ainda bastante numerosas as estudantes que procuram aperfeiçoamento em Faculdades e Institutos de Pôrto Alegre.

Surge então a primeira dificuldade, por sinal bastante decisiva na vida estudantil da môça: a permissão espontânea da mãe. Entrando em contato com estudantes que atualmente moram em Pôrto Alegre, constatamos que para muitas o problema inicial foi o mesmo: a preocupação da mãe em enviar a filha a uma cidade estranha, sem na verdade conhecer o lugar que a acolheria.

A procura de casas de família, onde a môça tenha a oportunidade de viver como filha, evidencia-se. Nós, porém, conhecemos a dificuldade de encontrá-las. São raríssimas as famílias, localizadas nas proximidades da Universidade, que desejam alugar um quarto para môças.



Casa do Estudante Evangélico

Resta então, como solução dêste problema, a procura de um pensionato, de um apartamento, solução, por sinal, não muito própria.

Os pensionatos, em sua grande maioria, não apresentam o ambiente confortável e ideal que a môça deseja e precisa. Para alugar um apartamento é necessário que alguém encontre companheiras de mesmo nível de adiantamento nos estudos, ao contrário surgirá um grave problema às mais jovens, quando as mais adiantadas deixarem o apartamento após a sua graduação.

Observando estas dificuldades e mais tantas outras, vemos que com a criação de uma Casa da Estudante, tantas preocupações seriam poupadas. Desta maneira, tendo em vista as inumeráveis vantagens de tal iniciativa, pretendemos proporcionar às futuras estudantes do interior em Pôrto Alegre um lar evangélico já em março do próximo ano.

Além de um alojamento mais adequado, uma Casa da Estudante apresentará a oportunidade de desenvolver a responsabilidade de uma môça, pois ela tomará parte ativa na administração da casa, fato aliás bastante importante e essencial para uma futura dona de casa.

A campanha, no interior, desta nova Casa da Estudante Evangélica do Rio Grande do Sul já está iniciada. O primeiro passo foi a divulgação da idéia no Congresso das Ordens Auxiliadoras em São Leopoldo, em julho dêste ano.

Esta nova Campanha está sendo orientada pelo Departamento Feminino da Associação dos Ex-alunos do Colégio Sinodal, departamento êsse auxiliado moral e financeiramente por senhoras cooperadoras e experientes de diversas Ordens Auxiliadoras de Senhoras, que por sua vez não deixa de medir esforços para que a idéia persista, e que a Casa da Estudante viva em breve.

Resta-nos dizer que nossos elementos encorajadores foram Ex-Alunos do Colégio Sinodal, que há muitos anos lutaram por um ideal: a Casa do Estudante Evangélico do R. G. do Sul, ideal alcançado com êxito. Os mesmos têm proporcionado a todos estudantes evangélicos um verdadeiro lar aqui em Pôrto Alegre.

Todo começo é difícil. Também são numerosos os obstáculos, em busca de nosso objetivo; afinal, impedimentos há em tôda parte.

Para tôda realização deverá existir um ponto de partida e êsse já foi dado. Agora é necessário ser otimista. Desta vez é importante examinar os obstáculos, mas colocá-los de lado, para que não interrompam o caminho à realização.

A nossa idéia tem sido tão bem acolhida e as cooperações já têm sido tão valiosas, que sòmente nos resta continuar firmes no nosso objetivo e também alcançá-lo para o bem das môças do interior, que desejam ampliar seus conhecimentos.

LIANE MELITA HUF — 1954

CHÁ-DANÇANTE DE 1959

As ex-alunas realizaram em 14 de junho dêste ano o segundo chá-dançante, em Novo Hamburgo.

Repetiu-se o sucesso do primeiro chá, realizado em 1958, e mais um pouco. Antes de mais nada, êstes chás são uma rara oportunidade de confraternização para as ex-alunas.

Deve ser destacado também que êles demonstram claramente que as ex-alunas, em se tratando de um auxílio para a sua velha escola, estão sempre prontas a darem o que está ao seu alcance.

Mas quem na verdade mais sente os benefícios dos chás, é a própria Fundação — a casa — que teve pintadas tôdas as esquadrias com a renda do 1º chá e, neste ano, recebeu um queimador a óleo para a lavanderia. Chamamos a atenção dos leitores para o balancete dos chás, que apresentamos neste número.

Aproveitamos mais esta oportunidade para agradecer à Diretoria das Ex-alunas e a tôdas as pessoas que colaboraram nestes dois eventos em prol da Fundação. Para nós a satisfação é tanto maior, pois sentimos que não estamos sòzinhos na luta.

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO CHÁ-DANÇANTE DAS EX-ALUNAS em 15.6.1958

RECEITA		
Ingressos		63.737,00
Sorteio de prêmios		16.000,00
DESPESA		
Propaganda	747,00	
Orquestra «Ritmos Columbia»	4.000,00	
Diversas	3.200,00	
Aplicação da renda líquida: pinturas a óleo das esquadrias externas —		
Tintas	33.062,40	
Mão de obra	71.091,10	
Diferença paga pela caixa da Fundação Evangélica		32.363,50
	112.100,50	112.100,50

DEMONSTRATIVO DO RESULTADO DO CHÁ-DANÇANTE DAS EX-ALUNAS em 14.6.1959

RECEITA		
Ingressos e sorteio de prêmios		96.110,00
DESPESA		
Orquestra «Jaz Montezuma»	3.000,00	
Diversas	4.650,00	
Aplicação da renda líquida: Instalação de um queimador a óleo na caldeira —		
Queimador	77.600,00	
Tanque	25.837,50	
Canos de cobre	2.375,00	
Diferença paga pela caixa da Fundação Evangélica		17.352,50
	113.462,50	113.462,50

DEMONSTRATIVO DO MOVIMENTO FINANCEIRO DA A.A.F.E.

28.9.1958 (Dia da Ex-aluna) — Saldo em Caixa		14.408,30
RECEITA		
Contribuições e mensalidades		49.805,00
Doações — Formandas de 1958		3.700,00
Prefeitura Municipal (Ver. Alvício Klaser)		5.000,00
Fundação Frederico Mentz		2.000,00
Sandálio Ávila Farias		3.572,50
Dora Bantle		3.000,00
Dora Bantle (3.000 pesos argentinos ao câmbio de 1,93 em 4.10.1959)		5.790,00
Diversos		1.296,10
Venda de flâmulas e distintivos		4.558,00
Devolução das ações das «Ind. Quim. Sul Brasileiras»		18.000,00
Dia da Ex-aluna 1958 — coleta na igreja		1.600,00
coleta na Fundação		6.104,00
Coletas durante o ano de 1958		
Casamento Heidi Braun-Lengler (N. Petrópolis)		1.038,00
Com. Evang. de Agudo (Pastor Brauer)		84,00
Sampaio (Pastor col. Briese)		154,00
Morro Redondo (P. Bohnenkamp)		816,00
N. Petrópolis (P. Braun)		457,00
Santa Maria (P. Bergmann)		645,00
Hamburgo Velho (P. Pommer)		1.100,00
Novo Hamburgo (P. Reusch)		754,00
Rolante (P. E. Götz)		543,00
Itati (P. O. Hennig)		150,00
Rio das Antas (P. Hartnagel)		250,00
Ajuricaba (P. Hirning)		145,00
Herval Sêco (P. Junge)		87,60
Taquara (P. Kunert)		216,00
Bela Vista (P. Lein)		300,00
Rio Pequeno (P. Lübke)		385,00
Esteio (P. Meirose)		588,00
Nova Boêmia (P. Prescha)		214,80
Ibirubá (P. G. Strebel)		726,00
Sapiranga (P. Scheible)		400,00
Sinimbú (P. Schiemann)		269,00
Picada Café (P. Schwabe)		234,00
Arroio do Padre (P. Schluckebier)		43,00
Paverama (P. Schäffer)		142,00
Andrade Neves (P. Müller)		125,00
Caí (P. Tornquist)		635,00
Igrejinha (P. Volkmann)		326,00
Xingu (P. Westerich)		409,00
Pastor Wolff		302,00
Canela (P. Wulfhorst)		240,00
Santa Cruz (P. W. Wartchow)		950,00
Iraí (P. A. Wartchow)		625,00
Palmitos (P. Wähner)		271,00
Cunha-Porã (P. Wiedmann)		140,00
Padilha (P. Berger)		358,00
Feliz (P. L. Hennig)		550,00
DESPESA		
Material de consumo	70,00	
Material de Propaganda	4.960,00	
Bolsas de estudo 1959 para 8 alunas do Ginásio e 3 de Economia Doméstica	111.727,50	
Balanço	16.748,80	
	133.506,30	133.506,30
27.9.1959 (Dia da Ex-aluna) Saldo em Caixa		16.748,80



Economia Doméstica 1959 — Curso «E»

Da esquerda para a direita: sentadas: Methild Maskus, Iiris Waechter, Seleda Bergmann, Noemi Bünnecker, Carmen Selbert; de pé: Gisela Dessbesell, Rosa Maria Ritzel, Nelly Jaeger, Gelci Brenner, Silvia Schneider. Profa. Sibylla Werner, Helga Trein, Christel Kaiser, Iara Keller.

Economia Doméstica 1959 — Curso «C»

Da esquerda para a direita: 1ª fila — Sonia Becker, Renate Grzanna, Lélia Schlling, Lia Strohschoen, Isolda Groff, Profa. Sibylla Werner, Gertrud Menzl, Regina Ritter, Elisabet Müller, Carmen Fritsche; 2ª fila — Ilse Richter, Doroti Hanemann, Marianne Müller, Anna Espindola, Lia Bercht, Astrid Ritzmann, Framgard Nickel, Edith Pletz, Carmen Gressler, Erica Sperb, Rosemarie Weissheimer, Marga Machemer, Uta Wulf, Vera Lütz, Anete Homrich.



Relação das novas associadas da A. A. F. E.

BLUMENAU — Ana Espíndola
CACHOEIRA — Ruth Strüssmann, Lia Strohschoen e Laura Hartmann
CURITIBA — Margit Schuster
GASPAR (SC) — Carmen Fritsche
JOAÇABA — Edith Kuehn Altenburger
MISIONES — Argentina — Lory Henn de Yunis
NOVO HAMBURGO — Edith Becker Bender, Iná Brenner Klein, Lilitha Steigleder Müller, Renate Schilling, René Deutrich Sperb, Rosinha Brenner Hartmann, Zita Maidi Steigleder
PÔRTO ALEGRE — Edith Durante, Elida Nabinger, Irany C. Ullmann, Vera Horn, Vera Maria Koch e Vera Müller
SÃO BENTO DO SUL — Astrid Ritzmann
SÃO PAULO — Framgard Nickel e Fraya Sauer Kiefer
SANTO ÂNGELO — Nelcy Gressler Bard e Waltraut Schüür Preisler
SANTA ROSA — Irene Eitelwein Pellenz
SAPIRANGA — Hildegard Scheible
TIMBÓ — Doroti Hanemann

25.9.60

IPÊS EM FLOR !

DIA DA

EX-ALUNA

MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

O prof. Müller, após os festejos do Dia do Colono no corrente ano, encetou uma campanha com o fim de criar um Museu Histórico que guardasse objetos referentes à Colonização em nosso Estado, especialmente no que tange à História, Geografia e Folclore.

As sessões preparatórias, que culminaram na criação do Museu, tiveram lugar em nossa escola.

Pela leitura do discurso do prof. Müller, proferido em sessão solene, realizada em 20 de setembro p.p. na Prefeitura Municipal de São Leopoldo, quando foi fundado o Museu Histórico, nossos leitores terão uma idéia completa sôbre esta elogiável iniciativa que conta com o apoio de 10 municípios.

Desde os bancos acadêmicos nos preocupava a criação de um Museu da nossa Imigração e Colonização, que representasse um marco em nossa História e fôsse a demonstração da capacidade cultural de nossa região.

A iniciativa por nós tomada não foi a primeira neste sentido, bem o sabemos. Foi mais o aproveitamento de um momento psicológico que veio ao encontro de nosso desejo: referimo-nos aos festejos do Dia do Colono realizados em Novo Hamburgo, nos quais pontificou o tradicional Kerb. Outra concorrente não menos importante, para que nos decidíssemos levar avante a idéia do Museu, foi a realização, em Pôrto Alegre, no mês de julho p.p., do IV Congresso Brasileiro de Folclore, que teve o mérito de nos mostrar a situação de abandono em que está o folclore em nossa região e que sòmente num Museu teria uma trincheira segura contra a ação deletéria do menosprezo e esquecimento dos homens.

Por que agora a idéia do Museu encontrou a mais franca ressonância em tôdas as camadas sociais?

A resposta está contida no monumental movimento tradicionalista de nosso Rio Grande.

Cezimbra Jacques foi o primeiro nome da História do Tradicionalismo, fundando em 1898, o Grêmio Gaúcho de Pôrto Alegre, aparecendo pouco depois a União Gaúcha de Pelotas e o Centro Gaúcho de Bajé. E aí parou o movimento, só ressurgindo em 1938 com a fundação da Sociedade de Gaúchos de Lomba Grande e com maior ímpeto após 1947.

Por que não vingou êle?

É que o alegado afastamento das velhas tradições não era verdadeiro.

Mas com a maquinização da lavoura e o acentuado progresso que se fêz sentir em todos os setores da vida riograndense, foram desaparecendo os velhos costumes gauchescos. Foi então que o movimento tradicionalista vingou, pois o afastamento agora era real.

Em nosso entender, processo igual se verificou em nossa colônia. Há 20 anos, os Kerbs, as saudações ao ano novo e um mundo de outros fatos folclóricos referentes à nossa colonização eram parte inerente à vida das comunidades.

Hoje, por um sem número de fatôres, tudo sofreu transformação e muitos dos velhos costumes estão sujeitos ao esquecimento.

Eis porque achamos que é chegada a hora da criação de um Museu que deverá ser o repositório das tradições que são a alma de um povo.

Ao convite para debater a possibilidade da criação dêste Museu, acorreram os poderes Executivo e Legislativo de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Campo Bom, Sapiranga, Taquara, Rolante, São Sebastião do Caí, Montenegro, Nova Petrópolis e Feliz, esperando-se a participação de outros mais, além de entidades sócio-culturais como o Lions Club, o Rotary Club, estabelecimentos de ensino, a imprensa e um grande número de pessoas gradas representando as elites culturais dêstes municípios.

Hoje, esquecendo-nos de muitas e muitas horas de intenso trabalho, vemos com grande satisfação que a idéia frutificou, concretizou-se, pois o Museu já é uma realidade.

Estão vencidas as naturais dificuldades iniciais — afinal, tudo é Brasil — e a Entidade espera e merece de todos irrestrita colaboração, pois o Museu não é Dêste ou Daquele, mas é de uma coletividade. Lembremo-nos que as futuras gerações, passando por cima de bairrismos momentâneos, bendirão a criação do Museu, já que dentro de alguns anos a sua constituição seria quase impossível pelo desaparecimento irremediável do material.

Por outro lado, deixemo-nos de saudosismo, pois Museu é objeto de ciência e como tal deve ser tratado com objetividade, deixando de lado a afetividade que lhe pode ser prejudicial.

Eis, senhoras e senhores, em síntese, como nasceu o Museu que estamos fundando oficialmente nesta solenidade prestigiada pela presença de nomes de projeção nas artes, ciências e letras de nossa terra.

E não é sem razão que se faz a fundação do Museu, por sugestão do historiador major Leopoldo Petry, nesta data tão cara aos riograndenses. A Epopéia Farroupilha contou entre seus participantes com um número muito expressivo de colonos saídos de comunas circunvizinhas a São Leopoldo. A imigração em nossa região e o 20 de Setembro são fatos inseparáveis.

Que nome tem o Museu? Em que município é sua sede?

Em Assembléia Geral realizada na Fundação Evangélica, em Hamburgo Velho, em 15 do corrente mês, que contou com a presença dos se-

nhores Prefeitos e representantes do Poder Legislativo dos 10 municípios antes citados, além de um grande número de figuras de projeção vinculadas aos mais variados setores de atividades desta zona, os senhores Prefeitos, houveram por bem escolher a cidade de São Leopoldo, berço da imigração em nosso Estado, como sede da entidade e dar-lhe o nome de «Museu Histórico Visconde de São Leopoldo», em homenagem a José Feliciano Fernandes Pinheiro, nome intimamente ligado com a colonização em nosso meio, pois, S.S. foi presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, quando aqui chegaram os primeiros imigrantes alemães.

Era uma época difícil para a economia riograndense. O esfôrço dos produtores era absorvido in totum pela criação que era mais rendosa; a colonização açoriana trocara a enchada pela pecuária e a cultura do trigo caía de modo assustador. O Imperador D. Pedro I, interessado numa colonização européia mais intensa, contratou colonos para intensificarem o povoamento da zona sul do Brasil. Cabia ao Presidente das Província localizar os novos imigrantes que eram considerados brasileiros no momento em que pisavam nosso solo. A Real Feitoria do Linho-Cânhamo recebeu os ádvenas. Fundada a colônia de São Leopoldo, em homenagem de D. Leopoldina, José Feliciano Fernandes Pinheiro recebeu o título de «Visconde de São Leopoldo». Mas êste não foi o único mérito de Fernandes Pinheiro, pois além de haver sido Deputado às Côrtes de Lisboa, Ministro do Interior no Império e fundador das Faculdades de Direito de São Paulo e Olinda, deixou em Pôrto Alegre uma grata recordação de sua eficiente administração: A Santa Casa de Misericórdia.

Senhoras e senhores :

Eis o nosso Museu — sociedade civil que se interessará pela História, Geografia e Folclore de nossa colonização. Resta-nos a esperança de que êle se torne, com o auxílio de todos, aquêle marco cultural que faltava para que a nossa colônia ocupasse em definitivo o lugar de excepcional importância histórica, social e econômica que as páginas da História do Brasil lhe reservam desde 25.7.1824.

III OLIMPÍADA ESTUDANTIL EVANGÊLICA

Pela 3ª vez realizou-se a confraternização esportiva entre os alunos dos estabelecimentos evangélicos de nível secundário. A cidade de Estrêla, através da Escola Normal Martin Luther, foi a anfitriã, superando tôda a hospitalidade previsível. A Olimpíada teve um transcorrer magnífico, para o que concorreu uma primorosa organização, sob a presidência do professor Gustavo A. Simon.

Como se disse acima, a nossa Olimpíada tem, antes de mais nada, o sentido de confraternização, pois ela representa uma feliz oportunidade para pôr em contato alunos de todos os recantos do Estado. Cria-se, dessa maneira, uma mentalidade em tôrno de nossas escolas em geral, pois para o aluno aparece agora o ensino evangélico do qual a sua escola é uma parte integrante. Tal afirmação fazemos baseados justamente nas impressões externadas por nossas atletas e na grande correspondência que as mesmas mantiveram com colegas que conheceram durante os jogos olímpicos.

As alunas Verinha Koch, Mirna Brusius, Ielda Adamy, Marlene Klein, Ilane Mendes, Jussara Brauner, Mariana Haberland, Ellen Kirsch, Marianne Müller e Ana Espindola representaram a Fundação.

A classificação geral das equipes femininas foi a seguinte:

1º lugar: Colégio Mauá
2º lugar: Escola Normal Martin Luther
3º lugar: Escola Normal Evangélica
4º lugar: Colégio Augusto Pestana e Fundação Evangélica
5º lugar: Ginásio da Paz
6º lugar: Colégio Sinodal



Tudo pronto, rumo a Estrêla

TRECHO DE CARTA DE EX-ALUNA, ENVIADA PARA A ATUAL 4a. SÉRIE

Meu novo colégio é bem bom, mas agora que estou longe é que vejo quanto vale uma Fundação. Podem estar certas, gurias, a Fundação é maravilhosa! Sei que vocês agora não estão pensando assim, mas quando saírem daí e a saudade lhes apertar o coração e lhes der um nó na garganta, verão se tenho ou não razão.

M. C. L.
(3a. série 1958)

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Examinando a história da civilização, podemos observar que muitas gerações enfrentaram problemas cruciantes e que lhes pareciam insolúvis. No entanto a humanidade até hoje conseguiu sempre superar suas crises de uma ou de outra forma.

O problema educacional que ora enfrentamos é grave. Não queremos afirmar que há 50 ou 100 anos atrás a juventude tenha sido melhor ou pior .Cada época apresenta suas dificuldades com características e peculiaridades próprias. O homem do século XX parece sofrer de uma angústia febril para conquistar o tempo e o espaço. Duas guerras mundiais abalaram profundamente a civilização hodierna. Os quatro ídolos do tempo moderno — rádio, televisão, cinema e imprensa — procuram penetrar e influenciar por todos os meios, quer positivos, quer negativos, as massas. A nossa juventude, como não poderia deixar de ser, sofre também êste influxo e participa da insegurança, da instabilidade do mundo dos adultos.

A pedagogia, como tôdas as ciências, conheceu um progresso até agora desconhecido na história da educação. Métodos modernos, preparação cada vez mais eficiente dos professôres, escolas confortáveis procuram preparar a juventude para que ela possa enfrentar as vicissitudes da vida moderna.

Mas, apesar desta reforma e aprefeiçoamento, a pedagogia moderna sente-se incapaz de atingir sòzinha a sua meta final, qual seja a integralização da personalidade do jovem e o seu ajustamento à vida e à sociedade.

Foram êstes talvez alguns dos motivos fundamentais que levaram as autoridades educacionais brasileiras a sugerir às escolas que introduzissem e instalassem o serviço de Orientação Educacional.

Qual é o objetivo da Orientação Educacional? Gilbert Robin diz com muita razão: «O pedagogo julga menos a criança do que o aluno, e o julga por sua aplicação». O orientador educacional procura observar, compreender e AJUDAR a resolver tanto os problemas da CRIANÇA como do ALUNO, já que muitos problemas e dificuldades escolares podem originar-se de perturbações e conflitos de ordem psicológica e bio-fisiológica. Isto não quer dizer que o professor doravante será um mero instrutor. Pela palavra «professor» deve-se entender «educador». O professor quando não fôr educador nem pode ser considerado como tal. No momento não se pode exigir dos professôres que se aprofundem na patologia do comportamento, caráter, temperamento e constituição individual dos alunos. E êles têm razão quando alegam que êstes assuntos fogem de seu domínio e especialização. Isto não significa que muitas vêzes os professôres não realizam trabalhos de ordem psico-terapêutica, porém geralmente são ditados e guiados por intuição. A intuição por mais experimentada que seja é quase sempre SUBJETIVA. O orientador educacional procurará estudar os problemas OBJETIVA e CIENTÌFICAMENTE. E' evidente que a cooperação integral da direção e do corpo docente é necessária para que êle possa realizar um trabalho frutífero.



«Que profissão escolherei?»

|o|

Eis porque a Fundação Evangélica, que durante os 70 anos de sua existência vem lutando na vanguarda do ensino no país, que nunca poupou esforços para poder oferecer às suas alunas uma educação cada vez mais eficiente, no próximo ano, instalará seu serviço de Orientação Educacional

Êste serviço procurará atender não sòmente aos problemas escolares, mas também visará à orientação profissional.

Prof. ERNEST SARLET

Ex-aluna! Em setembro, quando os ipês florescem, lembra-te da tua Fundação Evangélica, pois no 4º domingo daquele mês é o Dia da Ex-Aluna.

GESTOS

Uma escola não existe apenas em função de suas alunas e professôres — ela é a expressão dos anseios e da atitude de uma comunidade.

Dessa comunidade deve receber não apenas o amparo material, como também espiritual.

A nossa Fundação Evangélica sente-se sustentada por uma comunidade em sentido bastante amplo, e isso já a tem ajudado a atravessar fases adversas.

A expressão mais viva dessa comunidade são as ex-alunas que, muitas vêzes após longos anos de aparente olvido, lhe mandam uma cartinha, ou a visitam (às vêzes já casadas, para mostrar ao marido a sua velha escola...) ou nos encaminham outras jovens.

A A.A.F.E. é a expressão organizada dessa comunidade.

E, note-se, que além do auxílio material — tão importante! — tem significativo valor para a nossa Fundação, tudo aquilo que por meio dêle se revela: o carinho, o reconhecimento, a solidariedade, gestos que não se compram, nem se pagam, mas que se oferecem.

Que a citação de alguns exemplos sirva para explicar o que afirmamos:

Os chás-dançantes, organizados nos dois últimos anos pelas ex-alunas, em Novo Hamburgo, em benefício da Fundação, sem dúvida são a manifestação mais expressiva dêsse sentimento de solidariedade.

No Dia da Ex-Aluna 1958 a sra. Almerinda Engel Volkmann (1928-29) ofereceu-nos Cr$.... 5.000,00 com as palavras: «Eu quero que vocês comprem algo bem bonito para o Curso de Economia, algo que de outra forma não teriam a coragem de comprar». Adquirimos um jôgo completo de copos de cristal — e ainda sobrou boa parte, que empregaremos na aquisição de talheres — tudo para o «enfeite de mesa».

Heidi Braun (1948) pediu que a coleta da cerimônia de seu enlace nupcial com o sr. Enno Lengler fôsse oferecida à A.A.E.F., para possibilitar o estudo, na Fundação, a alguma menina necessitada

Há firmas industrias (que nos pediram não fôssem citadas) que anualmente oferecem parte de seu saldo de balanço como auxílio a escolas, asilos ou outras obras de caráter filantrópico, entre as quais também incluíram a nossa Fundação Evangélica.

Muitas Comunidaes Evangélicas destinam anualmente a coleta de um culto dominical à nossa escola.

Há ex-alunas e amigos da escola, que de vez em quando nos mandam algum disco para a discoteca, um livro para a biblioteca, uma muda de árvore para o bosque no «morrinho», ou também — auxílio valioso! — alguma crítica construtiva.

Não conseguiríamos esgotar a enumeração dêsses exemplos. Encerramos com a inscrição anônima, que encontramos no quadro negro da 4ª série, na noite do Dia da Ex-Aluna de 1958, e que nos tocou com a sua singela espontaneidade: «Não odieis a Fundação Evangélica, atuais alunas. Mais tarde sentireis saudades! (ass.) A voz da experiência».

Sensibilizados, agradecemos por todos êsses gestos. Enquanto a Fundação Evangélica sentir-se amparada por sua comunidade, pode encarar com tranqüilidade o futuro — mesmo na época atual, tão insegura para as instituições que vêm a sua razão de ser no aprimoramento espiritual da humanidade.

Sg.

PÉROLAS...

No prospeto da Fundação lê-se:
enxoval: ...um copo para água de matéria plástica.

História da América — 2ª série

Que obra tornou-se célebre nos Estados Unidos, durante a campanha abolicionista?
— O evangelho do amor. (?)

História Geral: 3ª série

Qual foi o fim de Felipe da Macedônia?
— Êle foi suicidado.

História do Brasil: 4ª série

A maioria dos negros no Brasil eram protestantes.

História da América: 2ª série

Os Incas construíram grandes ruínas.

Geografia do Brasil: 4ª série

Entre os produtos da Região Norte, desta-se a criação da borracha.

Português: 4ª série

Coletivo de astros: austríaco

História do Brasil: 4ª série

Nomes de três cientistas: ...Croquete Pinto.

Geografia do Brasil: 4ª série

O imigrante japonês dedica-se especialmente à música.



4ª série — 1958

Da esquerda para a direita: 1ª fila — Dilú Schröer, Juliana Berner, Agade Zwetsch; Marli Poschetzky, Prof. Ernest Sarlet, Walloni Konrath; Eva Hoblik; Tania Sperb, Jussára M. Brauner, Marlise Boettcher, Analuiza Bredemeier; 2ª fila — Elisabeth Ludwig, Marianne Ziegler, Isolde B. Schletter, Iára Momberger, Ilane Mendes, Mirna Brusius, Vera Horn, Lise Lote Müller, Marisa Kronmeyer, Ilse Konrath; 3ª fila: Ielda Adamy, Karin Kress, Eslandia Moeller, Dagmar Fritsche, Erika Richter, Guizela Kümmerle, Erika Auwärter, Edith Auwärter, Edda Isernhagen, Véra Maria Koch, Marlene Luiza Klein, Mirna Streb.

—————|o|—————

EXCURSÃO DE DESPEDIDA — 4ª Série — 1958

Saímos às 4 horas de 31 de outubro. Era uma manhã fresca e agradável. A lua ainda caminhava no céu, quando partimos.

No fundo do ônibus, a turma já cedo começou a espantar a chuva com algumas canções, mas muita gente ainda aproveitou o tempinho para terminar a soneca.

Em Taquara, já era manhã completa e pouco a pouco as janelas se abriam, rostos curiosos contemplavam admirados aquela caixa barulhenta que dobrava as esquinas.

Ao subirmos a serra, vimos com maus olhos a massa cinzenta que se avolumava no tôpo das montanhas, e, ao longe, o véu de cerração que velava o horizonte.

Chegamos a São Francisco de Paula com uma pontinha de esperança no coração, de que o tempo melhorasse. Mas, infelizmente, o tempo opôs-se a nossos planos, assim que pouco a pouco, o caminho tornava-se mais difícil e o nosso chaufeur, auxiliado pelo sr. Ernesto e sr. Telmo, teve que pôr correntes no ônibus. Dêste modo chegamos a Tainhas.

Sabíamos já, de algumas notícias captadas durante a viagem até alí que o Sinodal estava à pouca distância em nossa dianteira, atolados nalguma valeta, de modo que não nos foi surprêsa encontrá-los lá.

Coitadinhos, não é? — Também com um pobre ônibus dêstes que só cobram Cr$ 20,00 por quilômetro como poderia ser diferente?

Pois nós que pagávamos Cr$ 30,00 por quilometro, haveríamos de chegar ao Itaimbé, sem dúvida!

E alí fomos deixando atrás de nós o 3º colégio sinodalítico a amarelar de inveja.

Mas à medida que avançávamos, nosso orgulho, diminuía, esvanecia-se para deixar lugar a uma leve impressão de que teríamos que retornar a Tainhas. A estrada estava intransitável e o nosso carrinho escorregava e patinava vagarosamente como em cima de manteiga mole.

Algumas vêzes quando o nosso ônibus (chamemo-lo de Nois), pois bem, quando Nois valeteava na esquerda nós tôdas tínhamos que desembarcar para que os professôres pudessem remetêlo novamente ao meio da estrada. Então êle se arrastava alguns metros até valetear na direita.

Chegamos finalmente à conclusão de que seria inútil prosseguir. Antes de voltarmos, paramos à beira da estrada para comer alguns sanduíches enquanto que «seu» Telmo encurtava o tempo, tocando algumas canções folclóricas no seu violão.

Voltamos revoltadas com o destino.

Três fases da alvorada: satisfação, sono e chimarrão



Alguns metros antes de Tainhas, dois vultos do Sinodal encostados no arame que cercava o pasto, estavam já esperando a nossa derrota. Com um risinho malicioso no rosto presenciaram o grande espetáculo: nossa entrada em Tainhas!!!

Mas não lhe demos o gostinho, não! Entramos em alta velocidade no lugarejo, e para que não nos vissem, abaixamos as cortinas e ficamos quietas.

Ao anoitecer chegamos no Salto, onde, depois de algumas procuras, acampamos num sítio de veraneio.

Montamos as barracas já no escuro, com auxílio dos quatro únicos focos existentes.

Noite fria aquela! Brr, se me lembro.

Acordamos convictas de termos virado picolé!

Eu até descobri que pernoitei com a metade fora da barraca, motivado por sua precária construção. Por isso fui uma das primeiras a levantar-se, pois o frio é um fator que conserva a presença de espírito.

As voluntárias fizeram uma boa «toilette» matutina, e em seguida liquefizemos nosso sangue com um cafèzinho quente, acompanhado de pão com goiabada.

Às 10 horas mais ou menos, fomos ingeridas novamente por Nois e troteamos rumo à represa do Salto.

Não convém descrever o Salto, como não convém descrever nada, porque o leitor sempre sai com uma imagem bem diferente daquela que pretenderamos descrever. O único meio é ir lá, e vê-lo com os próprios olhos.

Depois rumamos para Canela onde encontramos nossos inesquecíveis confraternizados: a 4ª série Sinodal.

Batemos um papinho, enquanto nos refrigerávamos.

Também não perdemos a oportunidade de admirar o Caracol que no dia estava ornado por um belíssimo arco-iris.

Mais tarde levantamos o acampamento, fizemos das barracas, lonas e sacos um boné para Nois, e partimos para Lajeado Grande, a capital do campo!

A viagem foi bastante quente, mas, de vez em quando, uma bela vista ou um rio, cachoeira ou ponte, nos faziam descer de Nois para apreciarmos a paisagem.

Admiramos o Passo do Inferno, e com êle



O frio surpreendeu a turma no Salto.

Solução: Sol e «verde».

pudemos fazer uma idéia do que seria o Itaimbèzinho que é 3 vêzes mais profundo do que êste.

Quando a tarde caía, chegamos a Lajeado Grande.

Finalmente! Já havíamos perdido as esperanças de que o tal lugarejo ainda existisse no globo terrestre, porque não se vê rio nem casa quando se vem pela estrada. Mas, súbito, no alto do morrinho: Eis Lajeado Grande! Se o Grande é isso, imagino que puinguinho de nada deveria ser o Lajeado Pequeno.

Depois de inquérito aqui e alí pudemos fixar-nos num campo onde corria uma espécie de rio. Pelo menos foi água. Foi mais pedra do que água, mas foi água também e por esta causa a turma tôda se jogou lá dentro. Porém, infelizmente, por causa de uns gaùchinhos que parece que não possuíam desconfiômetro tivemos que deixar em fuga apressada aquêle «belíssimo» recanto da nossa terra.

Continuamos a viagem pelos «pampas» verdes, à procura de um lugarzinho para acampar. Havia muito espaço livre, até onde a vista alcançava, mas faltava água.

Chegamos finalmente a Apanhador, onde um fazendeiro gentilmente nos deu acolhida.

Naquela tarde ainda estávamos um pouco perturbados pelos galanteios de Lajeado Grande, de modo que armamos o mais depressa possível as barracas e não nos afastamos muito do acampamento.

Apanhador pode orgulhar-se de nos ter proporcionado a mais bela noite que já tivemos em nossa vida.

As manhãs sempre são bonitas quando não chove, e o tempo foi ótimo.

Nasceu já a segunda manhã assim mística e orvalhada, fresca e suave, que nos encanta sempre de novo. É interessante observar que de manhã e ao anoitecer as coisas mais insignificantes tornam-se bonitas. Pelo meio-dia, durante o verão é tudo sêco, e empoeirado, os homens correm de cabeça vermelha e suada pelas ruas. Isto se nota ainda na natureza.

Mas, para não cair em romantismo falarei da lavagem do ônibus. Foi uma obra perfeita e sem crítica. Nois foi atacado pela água em todos os cantos, e nenhum pòzinho ficou sêco. Algumas treparam em cima de Nois para lavar-lhe a cabeça, mesmo sem champu.

Nesta mesma ocasião descobrimos que o nosso «chauffeur» não se chamava Nelson, mas sim Quirino. O engano deu-se por culpa da emprêsa que prometera mandar-nos o sr. Nelson, por isso na hora da saída, quando Nois apareceu, tôdas estavam convictas de que o Nelson viera com êle, e não se perguntou mais.

Imaginem a estupefação que não nos causou, quando já quase no fim da viagem Nelson vem dizer-nos que se chama Quirino. Mas estabelecemos que continuaríamos a chamá-lo de «seu» Nelson, e Quirino concordou.

Ao meio dia saturamo-nos com uma feijoada.

À tarde, tôdas nós já havíamos mudado de nacionalidade e aspecto:

Generalizamo-nos em índias. Índias de maiô, índias de eslaque, de short, de pijama, enfim, índias de tôdas as espécies. E o conjunto era originalíssimo. Os cabelos já não mais se assemelhavam a cabelos. O rosto, desprovido de quaisquer pomadas e cuidados especiais, queimado e vagabundo, ajudava a reforçar a idéia da nossa origem e a vestimenta também não era muito impecável.

Às duas horas da tarde, novamente nos achamos a caminho, desta vez para Ana Rech, vulgarmente chamado «Anareque».

Já havíamos reservado lugares no hotel, de modo que uma vez lá, a tribo tôda distribuiu-se pelos quartos sob ordem do civilizador branco sr. Ernesto. Submetemo-nos, depois de três dias de primitivismo, novamente à água límpida de um chuveiro.

Na outra manhã partimos a Caxias.

Viagem é viagem: a gente se bate aqui e alí, aperta de vez em quando o dedo na janela, engole um bocado de pó, mas vai adiante. Pois fomos adiante com gasolina que no meio-tempo aumentava Cr$ 2,00. Como estivemos em excursão não tentamos discutir sôbre a inflação do Cruzeiro, mas limitamo-nos a achar graça da nossa vida aparte de todos os acontecimentos do mundo.

Chegadas em Caxias, visitamos primeiramente o momnumento ao imigrante. Subimos a escadaria formada por 97 degraus, para admirarmos Caxias de cima para baixo.

Pois bem, tudo na terra uma vez finaliza. Foi por isso que pela tardezinha chegamos ao velho morrinho da Fundação, vencido com uma arrancada formidável de Nois, instigado pelo barulhão de foguetes. Também nós produzimos um berreiro desvairado em língua Tupí, que sempre é um remédio infalível de chamar atenção.

E, realmente! Quando entramos no portão, todos os sêres vivos da casinha estavam reunidos, nem gato e cachorro deixaram de nos cumprimentar.

Isolde Schletter

É com a mais viva satisfação que publicamos o fonograma abaixo. Foi êle o primeiro eco à publicação, na imprensa, da mais auspiciosa notícia da Fundação Evangélica neste ano: o início do Curso Normal de 2º Ciclo em 1960.

FELICITAÇÕES LOUVÁVEL INICIATIVA CRIAÇÃO ESCOLA NORMAL FUNDAÇÃO EVANGÉLICA. EM NOME DIRETORIA COMUNIDADE E LAR JUVENIL ROLANTE.

PASTOR GOETZ

Anotações do Cronista

1958

28.9.58 — DIA DA EX-ALUNA
29.9.58 — A 4ª série e a Economia assistem à exibição do filme «E o vento levou».
30 9 58 — Irmã Maria parte para a Alemanha, em visita à sua idosa mãe.
3.10.58 — O sr. Ingomar Schreen, filho do nosso ex-professor Hans Schreen, profere uma palestra sôbre a vida estudantil na Alemanha, ilustrada com diapositivos coloridos, a convite do Clube de Línguas.
5.10.58 — Alunas da Fundação participam do Congresso Regional da Juventude Evangélica, em Campo Bom.
7.10.58 — O prof. Hans Ziegler, a convite do Clube de Ciências, palestra sôbre «A viagem do submarino Nautilus»
8.10.58 — Noitada teatral na Fundação, promovida pelas formandas ,em benefício de sua caixa de viagem.
10.10.58 — Excursão da 3ª série ao Ferrabrás.
11.10.58 — Filme «Quax der Bruchpilot».
14.10.58 — O Clube de Ciências visita a Fábrica de Calçados Peretto. À noite, alunas da 4ª série e Economia assistem à palestra proferida pelo Pe. Rambo S.J. «O Parque Nacional do Itaimbézinho», na Faculdade de Fiosofia Cristo Rei, em São Leopoldo.
15.10.58 — Visita dos «Hohnsteiner Puppenspiele» a Novo Hamburgo; à tarde, as alunas menores assistem à «Die gestohlene Grossmutter»; à noite, as maiores, ao «Das Puppenspiel vom Dr. Faust».
16.10.58 — A 1ª série excursiona à Cascatinha São Miguel, enquanto as suas colegas da Economia rumam ao Itacolomi.
17.10.58 — Excursão da 2ª série a Nova Petrópolis.
18/19.10.58 — 1º Congresso Evangélico de Teatro Estudantil, no Morro do Espelho. Alunas da Fundação participam dos debates e representam a peça «A mãe», baseada num conto de Andersen.
18.10.58 — Festinha de Confraternização das alunas da Economia com os estudantes da Faculdade de Teologia no Centro Evangélico de Hamburgo Velho.
21.10.58 — Representantes da Escola de Enfermagem «Ana Nery» visitam a Fundação e palestram com as alunas da 4ª série e da Economia.
22.10.58 — 3º Concêrto da Temporada: Violinista Carmela Saghy.
24.10.58 — Torneio interno de Ping-Pong, promovido pelo G. C. Castro Alves.
26.10.58 — Noitada Teatral em Ivoti, promovida pelas formandas.
27.10.58 — Inauguração do jôgo de copos de cristal, oferecido pela ex-aluna Almerinda Engel Volkmann (1928/29) para as «mesas especiais» do Curso de Economia.
29.10.58 — Alunas da Economia assitem à exibição do filme «Napoleão». Noitada Teatral em Nova Petrópolis, promovido pelas formandas.
31.10.-3.11.58 — Excursão de despedida da 4ª série a Caxias, São Francisco e Canela.
5.11.58 — Alunos do Instituto Pré-Teológico representam a peça de Thornton Wilder «Nossa Cidade» no palco da Fundação.
10.11.58 — Homenagem ao «Melhor Companheiro», promovida pelo Rotary Clube de Novo Hamburgo. Sônia Oda Becker (Economia) e Isolde Schletter (4ª série) representam a Fundação.
12.11.58 — O dr. Frederico Ritter profere uma palestra sôbre o tema «Relações entre a medicina e a educação» para mães e as alunas da Economia.
13.11.58 — As alunas da 4ª série viajam a Pôrto Alegre, em visita às Indústrias Renner, Fábrica Neugebauer, Assembléia Legislativa, Correio do Povo.
14.11.58 — A profª Wally Heller completa 10 anos de atividades na Fundação.
O prof. Telmo L. Müller muda-se com a sua família para a casa recém-construída, de propriedade da Fundação.
14/16.11.58 — Excursão da Economia ao sítio do sr. Norberto Sander, perto de Canela.
20.11.58 — Início da 2ª Prova Parcial.
À noite, a Economia se reune em tôrno de um churrasco, no «Morrinho», em companhia de seus professôres.
21.11.58 — As alunas da Economia visitam as diaconisas em sua Casa Matriz, em São Leopoldo.
22.11.58 — Filme «Marido de mamãe».
24.11.58 — As alunas da Economia assistem a uma palestra pelo prof. Schmeling, sôbre o tema «Arte e Kitsch», ilustrada com diapositivos.
25.11.58 — A Economia realiza o tradicional passeio noturno (ao luar) ao Dois Irmãos.
29.11.58 — Festa de Advento.
6/7.12.58 — Exposição Anual de Trabalhos Práticos.

12.12.58 — Encerramento do Ano Letivo de 1958 com o Culto Divino na Igreja Evangélica de Hamburgo Velho, pelo pastor W. Pommer. Encerramento oficial das aulas.

13.12.58 — Formatura da 12ª Turma de Ginasianas da Fundação Evangélica.

1959

13.2.59 — Última visita oficial do Dr. Cláudio W. M. Ferreira da Silva, inspetor federal do educandário durante mais de 10 anos.

1.3.59 — Chegada das alunas internas.

2.3.59 — Início do ano letivo de 1959, com o Culto Divino na Igreja Evangélica de Hamburgo Velho, pelo pastor G. Reusch.

7.3.59 — Filme «Sapatinho de Cristal».

16.3.59 — Inauguração da nova eletrola, com a audição da «Paixão segundo S. Mateus», pelas alunas da 3a. e 4a. séries.

24.3.59 — A 1a. série inicia os trabalhos no «morrinho», na área que reservou para o seu bosque escolar; o «Batalhão Tamanduá» toma a ofensiva contra as saúvas.

25/30.3.59 — Férias de Páscoa.

31.3.59 — Despede-se a Irmã Liselotte Scholz, que estava substituindo a Irmã Maria, para assumir a direção do Hospital de Palmitos.

6.4.59 — Partida da Irmã Liselotte.
A Fundação adquire uma motoneta «ISO», para serviços externos.

6.4.59 — As alunas assistem à exibição do filme «Família Trapp», no Cine Aida.

15.4.59 — O redator-chefe da «Revista Esso», sr. Theo Drummond, visita a Fundação.
Regressa a Irmã Maria.

24.4.59 — Excursão da Economia ao Dois Irmãos.

29.4.59 — Excursão da 3a. série ao Ferrabrás.

30.4.59 — Excursão da 2a. série ao Dois Irmãos.

2.5.59 — Filme «Antes que a noite chegue».

7.5.59 — Gincana esportiva, promovida pelo G. C. Castro Alves.

14.5.59 — Noitada variada, organizada pelas alunas de tôdas as séries.

18.5.59 — Simpósio sôbre a Nova Nomenclatura Gramatical, promovida pela Associação dos Professôres Evangélicos, Região São Leopoldo, na Fundação Evangélica.

26.5.59 — 1a. reunião de mães e professôras: «Dias festivos no lar».

27.5.59 — Dulce Thofehrn (1951) recebe o registro de professôra de Economia Doméstica, concedido pelo Ministério de Educação e Cultura com base no certificado expedido pelo Curso da Fundação Evangélica.

30.5.59 — Hora cívica, a cargo da 4a. série.
Filme «O Drama da Linha Branca».

31.5.59 — Inicia-se a publicação do «Informativo Cinematográfico», a cargo dos professôres da Fundação, na Fôlha Dominical.

1.6.59 — As alunas maiores assistem à exibição do filme «Otelo», no Cine Carlos Gomes.

6.6.59 — «Rex-el-Mago» exibe as suas magias perante as alunas da Fundação.

10.6.59 — 2a. reunião de mães e professôras: «A situação das alunas face aos exames».
À noite o sr. Rolf Sporket palestra sôbre «Os Asilos Bethel».

11.6.59 — É assinado o convênio com a Inspetoria Seccional de Pôrto Alegre, mediante o qual serão confiadas à secretária e ao diretor as atribuições do inspetor federal.

14.6.59 — CHÁ DANÇANTE, promovido pelas ex-alunas em benefício da Fundação Evangélica.

19.6.59 — A 1a. série inicia o plantio de suas mudinhas de árvores no «morrinho».

20.6.59 — Início da 1a. prova parcial. Filme: A tragédia conduz o espetáculo.

21.6.59 — As alunas da Economia participam da reunião dançante na Faculdade de Teologia, em São Leopoldo.

24.6.59 — A Instituição Evangélica de Hamburgo Velho, mantenedora da Fundação Evangélica, reunida em histórica assembléia geral, decide aprovar a proposta de instalação do Curso Normal de 2º ciclo.

30.6.59 — Apresentação da peça «Die verhexte Hose» por alunas da Fundação.
Festa Junina, com o tradicional «baileco de despdida», pinhões e ponche.

1.7.59 — Início das férias de inverno.
O sr. Secretário de Educação e Cultura, dr. Mariano de Freitas Beck, visitado por representantes do curatório, exprime a sua simpatia pelo projeto de instalação do Curso Normal de 2º ciclo na Fundação Evangélica.

9/13.7.59 — Irmã Maria participa da Assembléia Geral das Ordens Auxiliadoras de Senhoras, em São Leopoldo.
Irmã Clara expõe os seus trabalhos e os objetivos do recém-criado Gabinete de Arte Religiosa.
Liane Huf (ex-aluna de 1954) fala sôbre a Casa da Estudante Evangélica em Pôrto Alegre.



Se o mundo amanhã se consumisse, eu ainda hoje plantaria a minha macieira e pagaria as minhas dívidas.

MARTIN LUTHER

(TRABALHO EXECUTADO NO GABINETE DE ARTE RELIGIOSA)

13/18.7.59 — O diretor assiste como observador ao 1º Seminário Regional Católico de Cinema, em Pôrto Alegre.
19/25.7.59 — O prof. Müller participa do IV Congresso Brasileiro de Folclore, em Pôrto Alegre.
25.7.59 — Cinqüentenário da Escola Normal Evangélica. Professôres da Fundação integram a caravana que ruma aos Asilos Pela-Bethania onde tem lugar o Culto em Ação de Graças.
1.8.59 — Inauguração do queimador automático a óleo, instalado na caldeira com auxílio da renda do 2º Chá-Dançante promovido pelas ex-alunas em Novo Hamburgo.
2.8.59 — Regressam as alunas internas.
3.8.59 — Início do 2º semestre.
5.8.59 — Na sala de professôres da Fundação Evangélica realiza-se a 1a. reunião preparatória da fundação do Museu da Imigração, contando com representantes do mundo cultural de Novo Hamburgo e São Leopoldo. A sessão foi convocada e dirigida pelo prof. Müller.
8.8.59 — Filme «Floresta Mágica».
14.8.59 — 1º Concêrto da Temporada: Violonista Carrion e violinista Guetta.
18.8.59 — Excursão da Economia ao Itacolomi.
22.8.59 — 2a. reunião preparatória da fundação do Museu da Imigração, no auditório da Fundação Evangélica.
28.8.59 — A 4a. série visita, em Pôrto Alegre, a XXIII Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados.
29.8.59 — Hora cívica, a cargo da 3a. série.
Filme «A noiva não pode esperar».
5.9.59 — Hora cívica, em homenagem à Data da Independência, a cargo das alunas da 4a. série.
1/9.9.59 — Desarranjo no poço artesiano; racionamento de água na Fundação; o carro-tanque dos bombeiros fornece o indispensável para o suprimento da cozinha.
10.9.59 — Padre Baqueiro S.J. e Padre Hortal S.J. proferem uma palestra ilustrada a diapositivos sôbre «A arte na Espanha».
15.9.59 — 3a. reunião preparatória da fundação do Museu da Imigração, no auditório da Fundação Evangélica.
16.9.59 — Ensaio de utilização dos aparelhos extintores de incêndio.
18.9.59 — Filme «Denn sie sollen getroestet werden».
19.9.59 — Sessão cívica em homenagem ao «Dia da Árvore», a cargo das alunas da 1a. série do Ginásio Pindorama e da Fundação. Inaugura-se a exposição «Semana da Árvore», organizada por alunas da 4a. série (Clube de Ciências).
20.9.59 — Sessão solene de fundação do Museu Histórico «Visconde de São Leopoldo», no salão nobre da Prefeitura de São Leopoldo
21/25.9.59 — O diretor participa da «II Jornada de Estudos para Diretores», em Pôrto Alegre.
23.9.59 — Padre Rambo S.J. profere uma palestra, ilustrada com diapositivos, sôbre «O Parque Nacional dos Aparados da Serra».
24.9.59 — 2º Concêrto da Temporada: Pianista Ana Stella Schic.
27.9.59 — DIA DA EX-ALUNA.

APÊLO

«Notícias» começa a viver entre as ex-alunas: torna-se ano a ano um veículo de contato entre elas. O apêlo que aqui publicamos é disso prova. Daí a razão de o fazermos com a maior satisfação, pois êle é parte de nossas finalidades.

Atenção Economia de 1957!

Erica Fenner, encarregada de promover um encontro da saudade após 3 anos de conclusão de curso, lembra a tôdas as suas colegas de 1957, que a reunião para recordar os bons tempinhos passados na Fundação, realizar-se-à no Dia da Ex-Aluna de 196.0 Portanto até o dia 25.9.1960.

COLABORAÇÕES DAS ALUNAS

O JORNALEIRO

Era um vesguinho simpático. Pequeno e magricela, sumia-se na massa da gente, que ia e vinha. Sua voz aguda de criança, porém, que pede e implora, sempre se fazia ouvir:

— «Óia o jorná, ô fregueis! A fôia!

Assim passava os dias o pequeno jornaleiro, procurando vender seu número contado de jornais.

Apesar de ser estrábico, seus olhinhos pretos eram vivos e inteligentes. Quando sorria dava a impressão de ser muito infeliz. Pobre coitado! Um sorriso de criança pobre, submissa. Qual o carinho que lhe era dedicado?

Não tinha mãe que lhe fôsse compreensiva! Era apenas um dêsses pequenos, enfrentando uma vida adversa e lutando para sobreviver.

Tôdas às vêzes que se apresentasse um freguês e comprasse o jornal, sorria-lhe contente, e, antes de correr a outro dizia:

— Obrigado, sinhô. Deus lhe pague. E novamente sumia na multidão de transeuntes.

Sempre, fôsse frio, chovesse ou não, lá se encontrava o pequeno trabalhando. As pessoas que o conheciam, habituadas a encontrá-lo diàriamente naquela quadra da rua, retribuíam o seu sorriso.

Ainda que se vestisse pobremente e andasse descalço, mantinha-se sempre limpo.

Quantas vêzes, ao cruzar com êle, pensava:

— Êsse pequeno há de se tornar alguém.

Porém, o destino escarneceu de meu desejo infantil. O pequeno jornaleiro foi atropelado por um dêstes grandes ônibus que trafegavam pela rua onde trabalhava.

Pobre pequeno! Já não vive, mas sua alma deve estar feliz lá no alto, como seu corpo descansa em paz aqui na terra.

Ana Cristina Clausen
3ª série

O PRESENTE QUE NÃO RECEBI

Desde pequena, seis ou sete anos, desejava ter um triciclo.

Não tínhamos calçada e não poderia andar na rua. A calçada ainda não tinha sido feita, e cada dia minha vontade de obtê-lo aumentava. Via-o em sonhos, cade vez mais bonito e maior, ora em côr verde, azul, amarelo ou então vermelho.

Crescia. O triciclo crescia junto. Desejava ganhá-lo em um sorteio, ou em alguma festa de Natal, porém sempre ficou nas promessas para o ano próximo.

Quando maior, aos nove ou dez anos, o triciclo lentamente desaparecia de minha mente, dando lugar a uma bicicleta, mas não grande.

Hoje ainda tenho êste desejo ardente de receber uma bicicleta, pois, mesmo já crescida, teria gôsto em satisfazer um sonho dos meus seis anos.

Ana Maria Heidrich
2ª série

A PALAVRA

Como pétalas, as letras florescem, brotando dos nossos lábios as flôres da vida: as palavras.

Às vêzes, são como as rosas, frescas e rubras, espalhando o perfume do amor e da paixão; quando brancas, a paz, a serenidade.

Outras vêzes algumas pétalas formam os miosótis da saudade.

Porém uma destas flôres, talvez a mais pequenina e singela, formada por apenas três pétalas, é a mais linda, a mais perfumada, a que encerra em si o amor e o sacrifício: MÃE!

Assim o jardim da vida é às vêzes cheio de flôres pequenas e grandes, que nos dão alegria ,sucesso ,nos surpreendem, que são as mais belas, mais perfumadas; outras, com variadas quantidades de pétalas, isentas de perfumes ou vivacidade, nos desiludem, nos levam ao fracasso e ao desentendimento.

Mas, dentre tôdas estas flôres, há uma sem perfume nem côr, dura e cruel e que brota no nosso jardim muitas vêzes antes de a esperarmos :a morte.

Ilona Hardt
4ª série

UM PLANO QUE EU GOSTARIA DE REALIZAR

Slokoff era o nome de um menino que conheci, quando dava a volta ao mundo.

Era russo, morava em Moscou, gostava de bolas e tinha grande simpatia pelas coisas que nós achamos banais.

Seus sete anos bem vividos junto à família, com mais três filhos já homens, demonstravam bem que êle era másculo, mas suas idéias eram pobres, se bem que inabaláveis.

Foi o pensamento mais simples, que já me contaram, o de Slokoff, tão simples, que merece ser recontado.

Pois estava Slokoff sentado sôbre seu disco-voador (de brincadeira) quando me disse:

— Sabes Lô (encurtou meu nome) se eu tivesse a liberdade que as crianças têm em teu país, eu faria um grande jardim onde haveria um lago com peixinhos vermelhos.

Num canto eu plantaria um Xan-tuu (árvore da Rússia) debaixo dêste um banquinho colorido, para que eu pudesse sentar-me quando estivesse cansado.

Depois eu daria um jeito de espalhar areia pelos caminhos e. . . e. . . mas. . . você sabe. . . aqui não dá. . .

Êle não continuou, eu também permaneci em silêncio, aquêles olhos marejados de lágrimas me impossibilitaram de falar.

Pois eu quero que todos saibam que o plano que eu mais gostaria de realizar é o de dar a todos garotos, assim como Slokoff, um jardim com peixinhos vermelhos. . . com uma árvore de Xan-tuu num canto. . .

Lory Carmen Metzger - 3ª série
2ª Prova Parcial - 1958.

A ÁRVORE

Melhores frases sôbre a árvore coligidas de redações da 1ª série.

A árvore é o vegetal mais bonito e mais proveitoso que o mundo tem.

Ela é um dos melhores presentes que Deus nos deu.

Devemos saber que, se não fôssem as numerosas árvores que temos, não teríamos chuva e então morreríamos de sêca.

Uma árvore que plantamos vale mais para um país do que 100 discursos, pois são apenas palavras.

Um versinho nos diz:

A árvore é boa amiga,
Seja ela como fôr;
Seja nova ou seja antiga
Digna é de nosso amor.

E um outro:

A árvore merece carinho e dedicação
Duma criança brasileira.
Seus galhos nos dão proteção
E suas côres desfraldam na nossa bandeira.

As florestas precederam os homens, os desertos os seguem.

Chateaubriand

EXCURSÃO DE DESPEDIDA - Economia - 1958

O «acampamento» e todo o seu pitoresco primitivismo na casa em construção no sítio do sr. Norberto Sander, em Canela.





Chuva, estrada ruim e entusiasmo



Regina, prof. Schmeling, Sônia, Edith, da. Dulce, banhado, lôdo e garoa.

NOTAS SOCIAIS

de 29 de setembro de 1958 a 27 de setembro de 1959

NOIVADOS:

Margreta Veeck (1955) com o sr. Enio Heinen em 8-10-58; Aurelina Fragoso (1953) com o sr. José Thomé em 13-10-58; Dagmar Jaeger (1949) com o sr. Ivo Scheid em 18-10-58; Doris Hofmann com o sr. Edmundo Wehmuth em 1º-11-58; Marlene Mielke (1950) com o sr. Eloir Bueno da Silva em 5-12-58; Carmen Seibert (1958) com o sr. Wolfgang Dieter Rembold — Natal 1958; Walkyria Fensterseifer (1955) com o sr. Carlos Plinio Sperb — Natal 1958; Marisa Borkert (1954) com o sr. Milton Heinz — Natal 1958; Amalia Adams (1953) com o sr. Delcio Teixeira — Natal 1958; Vera Lütz (1958) com o sr. Adriano Uber — Natal 1958; Elfrieda Zarling (1953) com o sr. Reimar Hoffmann — Natal 1958; Judith Adam (1953) com o sr. Goulart da Cunha — Natal 1958; Gerda Mayer (1954) com o sr. Florisvaldo Schmorantz em 10-1-59; Vera Dittrich com o sr. Walmor Buhr em 11-1-59; Edla Ullmann (1954) com o sr. Miguel Ângelo dos Santos em 17-3-59; Helen Berner (1954) com o sr. Lacy Walter Brenner em 21-3-59; Mariana Weissheimer (1953) com o sr. Percy Werlang em 4-6-59; Marlene Engelmann (1955) com o sr. Ruy Engel em 12-7-59; Leda Kuwer (1954) com o sr. Celomar Werner Brenner em 25-7-59; Marly Kroth (1954) com o sr. Wilson Klaser em 26-7-59; Doroti Hanemann (1958) com o sr. Rigobert Heidrich em 22-8-59; Cleide Mary Kossatz (1957) com o sr. Manoel Henrique Pereira em 4-7-59; Christa Hardt (1956) com o sr. Joaquim Affonso Araujo em 5-9-59.

Aos distintos noivos, as nossas cordiais felicitações.

CASAMENTOS:

Gloria Rocco da Fontoura (1952) com o sr. Dr. Remy Luiz Geremia em 10-10-58; Wally Kroll (1951) com o sr. Ronny Lindenmayer em 13-10-58; Karin Vera Herbert (1954) com o sr. Breno Luiz Haesbert em 15-10-58; Marieta Müller (1956) com o sr. Ivan Kaiser novembro 1958; Karla Jensen (1955) com o sr. Ralf Marx em 13-12-58; Gretel Ulrich (1955) com o sr. Hugo Cross em 10-1-59; Mirna Bier (1955) com o sr. Carlos Jorge Appel em 3-1-59; Marilia Coelho de Souza (1953) com o sr. Dr. Emílio Rothfuchs Neto — dezembro 1958; Ingrid Becker (1952) com o sr. Orlando Assis Brufatto 9-1-59; Elisa Behar (1952) com o sr. Norberto Herschdörfer — janeiro 1959; Margarida Wieth (1955) com o sr. Egon Brächer em 17-3-59; Margit Boettcher (1952) com o sr. Hartmut Schiemann — março 1959; Maike Andresen (1950) com o sr. Godo Deeke em 5-4-59; Lorena Sauer (1953) com o sr. Osvaldo Weinert em 9-5-59; Marly Cramer (1951) com o sr. Roney Gazola em 15-6-59; Helena Schuh (1956) com o sr. Renato Maya Faillace em 24-6-59; Helga Schuh (1952) com o sr. Newton Rosa em 24-6-59; Ilse von Eye (1952) com o sr. Hans Klein em 2-5-59; Lori Sehn (1955) com o sr. Carlos Heinrichs em 4-7-59; Sylvia Lagus (1954) com o sr. Leo Paim em 19-7-59; Carmen M. Hofmann (1956) com o sr. Percio Haas Jr. em 5-9-59; Lilian Roeben (1954) com o sr. Harro Schmitt em 5-9-59; Gotelind Clebsch (1951) com o sr. Hans Dieter Fillmann em 9-9-59; Moema Coelho de Souza (1953) com o sr. Pedro Antônio Furlan em 23-9-59; Lecy Arsand (1955) com o sr. Rolf Laube em 26-9-59.

Aos jovens casais, os nossos sinceros votos de um futuro feliz.

NASCIMENTOS:

Ary e Waltraut Schüür Preisler (1950) da filha Suzana em 28-9-58; Edgar e Sylvia Hardt Schroeder do primogênito Edgar em 5-10-58; Rubem e Renée Ko. Freitag Dickel do filho Darwin em 8-10-58; Ivo e Gertie Campani Seidl (1952) da primogênita Virginia em 19-10-58; Lauro e Irany Sauer Bertini (1948) da filha Sonia Maria em 3-11-58; Francisco e Silvia Matte Martins (1952) do filho Cláudio em 23-11-58; Wolfgang e Fraya Sauer Kiefer (1951) da filha Eliane em 24-11-58; Oly e Vera Santos dos Santos (1951) dos gêmeos Carlos e Eduardo em 27-11-58; Nestor e Nilse Lutz Streb (1951) do primogênito Luiz Guilherme em 15-12-58; João Arno e Christa Jensen Bauer (1952) do filho Guilherme em 2-2-59; Edwin e Irmburg Bonow Scheunemann (1949) da primogênita Ellen Rebeca em 14-1-59; Willy e Helga Mayer Klaus (1952) do primogênito Marcos Augusto em 27-1-59; Egon Eduardo e Hildegard Heller Schuenemann (1953) do primogênito Werner Eduardo em 21-2-59; Arno e Margit Gern Olsen (1953) do primogênito Luiz Roberto em 26-2-59; Walter e Betty Preuss Kämpf (1941) do filho Júlio Augusto em 1º-3-59; Guido e Lory Korndörfer Schneider (1946) da filha Mônica em 2-3-59; Júlio e Carla Steigleder Sauter (1952) da primogênita Cathya Maria em 2-3-59; Jair e Clivia Volkmann Schütz (1952) da filha Tânia em 11-3-59; Lothar e Lory Stapenhorst Koefender (1952) do filho Ricardo em 29-3-59; Dorivaldo e Ruth Borchardt Driemeyer (1946) do primogênito Ricardo em 1º-4-59; Antônio e Helga Schäfer Pereira (1953) da filha Carla Beatriz em 15-4-59; Werner e Ivone Closs Obst (1951) primogênito George Alexander em 19-4-59; Hermann e Gretel Fuchs Burger (1957) do primogênito Robert em 14-5-59; Siegfried e Marcia Rick Preusser (1956) da primogênita Christine em 27-4-59; Claudio e Nair Ritzel Strassburger (1948) da filha Vitória Regina em 20-5-59; Valdir e Erica Eichler Diefenbach (1953) da primogênita Margaret em 23-5-59; Paulo e Margot Schneider da Silva (1951) do filho João Paulo em 4-6-59; Hans e Mariane Lorenz Müller (1953) da filha Susan em 7-6-

59; Mario e Edith Hexsel Zart (1952) da filha Cristiane em 19-6-59; Johann e Jutta Andresen Reuwsaat (1940) da filha Mônica em julho 1959; Paulo e Helenita Bencke Neujahr (1952) do filho Paulo em agôsto de 1959; Enaúde e Janet Rossi Cestari (1952) do filho Alexandre em 21-8-59; Brenno e Lia Wortmann Schamann (1950) do filho Brenno em 1º-9-59; Rolf Fernando e Vera Purper Bercht (1947) da filha Marisa em 5-9-59; Milton e Magdalena Becker Cassel (1949) da primogênita Andréa Luiza em 13-9-59; Arno e Ruth Borne Glitz (1942) do filho Arno Emilio em 25-9-59.

Aos pimpolhos, um abraço da Fundação!

FORMATURAS:

Walkyria Fensterseifer (1955) e Lygia Schilling (1955) — Música no Instituto de Belas Artes Novo Hamburgo.
Urusula Dose (1953) Curso Normal - Colégio Bennett — Rio de Janeiro.
Gerda Lieselotte Bente (1951) Odontologia — PUC — Pôrto Alegre .
Ruth Sperb de Oliveira (1947) — Arquitetura — URGS.
Norma Bauer (1953) Conservatório Musical — Pelotas.
Mirna Helena Schneider e Vera Lory Burmeister (1955) — Escola Técnica Comercial São Jacó.
Ceres Güntzel (1955) Colégio Estadual Júlio de Castilhos — P. Alegre.
Vera Peretti — (1957) 4ª série — Colégio São José — Caxias do Sul.
Marlene Engelmann (195) Escola Técnica do Comércio — São Leopoldo.
Leci Arsand (1955) Escola Normal Santa Teresinha — Taquara.
Gudrun Pommer (1950) Escola de Enfermagem da URGS.
Brigitte Heinrich (1954), Leda Kuwer (1954), Liane Huf (1954) e Regina Momberger (1954) Curso Clássico — Colégio Sinodal São Leopoldo.
Marlise Cassel (1955) Rosa Maria Vetter (1955) Norma Beatriz Geib Kley (1955) Inge W. Hoch (1955) Margreta Veeck (1955) e Traude Mühlenberg (1955) — Escola Normal Santa Catarina.
Escola de Auxiliares de Enfermagem Hospital Moinhos de Vento — Adelheid O. Heim, Dietlinde G. Kretschmar (1953) e Hannelore Christa Henkiess (1956).
Faculdade de Filosofia (URGS) Noely Wink (1952) Línguas No Latinas; Inge Walda Bauer (1951) História Natural; Adelheid Bantel (1950) História.

PARTICIPANTES DO DIA DA EX-ALUNA 1959

Vera Horn; Ilane Mendes; Carmen Gressler; Vera Diefenthäler Weber; Marga Machemer; Regina Ritter; Léa Brod; Vera Müller; Ana Lori Leipelt; Dora Bantle; Fraya Sauer Kiefer; Jussára B. Brauner; Lygia Marquardt; Sylvia Hardt Schroeder; Christa Jensen Bauer; Mariane Lorenz Müller; Laura Hartmann; Marlene Luiza Klein; Dorali Konrad; Helga Trein; Hanni Lühmann; Margot Kopittke; Marisa Schneider; Edith Kuehn Altenburger; Margarida Gleisner; Vera Maria Koch; René Deutrich Sperb; Lia Deutrich Michalski; Ma- Schilling; Marieta Müller Kayser; Nanci Vieira Becker; Edith Thön; Sueli Venter; Sonia Oda Becker; Liane Lichtler; Carmen Seibert; Renate Grzanna; Elisa Heberle Panitz; Margareta Veeck; Rosa Maria Vetter; Inge M. Hoch; Elisabeth Ludwig; Iná Brenner Klein; Rosinha Brenner Hartmann; Rosemarie Weissheimer; Walkyria Fensterseifer; Marlene Engelmann; Lesli Steigleder Schröer; Dilú Schröer; Ligia Regina Schilling; Elisabeta Berner; Juliana Berner; Lori Sehn Heinrichs; Agade Zwetsch; Ceres Beatriz D. Güntzel; Margrid Gehrke; Mirna Helena Schneider; Iara Rick; Gladis Lutz; Iria Haerter: Schirley Bruxel; Iara Beatriz Bender; Dort Steigleder Schüler; Jutta Andresen Reuwsaat; Ruth Siegel Steigleder; Zita Maidi Steigleder; Margarete Haetinger Hinrichs; Irmgard Kunz Sperb; Marli Jochims; Anneliese Zimmermann; Inge Kretschmar; Dietlinde Kretschmar; Marianne Goebels; Liska Mentz Praia; Marion Thofehrn; Käthe Kunz Lau; Dione Ermel da Silva; Liane Ermel Gerst; Hildegard Scheible; Agnes Scheible; Christa Scheible; Rony Sperb Cassel: Rony Brenner Dal-Ri; Ursula Albers Hehner; Ingeborg Kern; Marlene Lorenz; Margit Leyser; Ilse von Eye Klein; Nilse Lutz Streb; Nair Volkart; Renata Becker; Elsita Bauermann Kehl; Olga Dietschi; Erica Eichler Diefenbach; Carla Steigleder Sauter; Dagmar Kühn; Magdalena Schmitt; Rosalie Schmitt; Dorothéa Putz; Marcia Rick Preusser; Rosemarie Graudenz Brodmüller.

Ex-professôres: Ilsa Müller; Dr. G. Rotermund; Egon Schünemann.

DIRETORIAS PARA 1959/60, ELEITAS EM ASSEMBLÉIA GERAL DE 27.10.59

A.A.F.E.:

Presidente:
ELEONORA ALBRECHT WEBER (1944)
Luciano de Abreu, 90 — **Pôrto Alegre**

Vice-presidente:
LYGIA MARQUARDT (1936/37)
Rua Felicíssimo de Azevedo, 1351 — **Pôrto Alegre**

Secretária:
SIBYLLA WERNER
Caixa Postal, 39 — **Hamburgo Velho**

EX-ALUNAS:

Presidente:
IVONNY LAMB LEUCK (1935/38)
Estância Velha

Vice-presidente:
IRMGARD KUNZ SPERB (1936/7)
Correios e Telégrafos — **Novo Hamburgo**

Diretora esportiva:
VERA MÜLLER (1954/57)
Cristóvão Colombo, 2716 — **Pôrto Alegre**



Atividades extra-curriculares: O Clube de Ciências organiza a exposição «Semana da Árvore».

CONSELHOS PARA A DONA DE CASA

Prof. Schmeling: Pedagogia infantil

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Há histórias em quadrinhos («comic strips») que desde já são condenadas pelo seu conteúdo. Entretanto, também condenamos os «comic strips» que tentam reproduzir as Sagradas Escrituras ou obras primas da literatura mundial. Por quê?

1. — **Os «quadrinhos» atrofiam a imaginação e, portanto, a capacidade criadora**

— pois o «leitor», em vez de participar ativamente, obrigando-se a traduzir a palavra lida em uma rica imagem mental, aceita passivamente o que o lápis mercantilizado do desenhista prescreve. Povoando a sua própria imaginação com os tipos produzidos que assimila com a «leitura» dos quadrinhos, perde o indivíduo a sua personalidade, acabando por transformar-se imperceptivelmente no homem padronizado que caracteriza a autalidade.

2. — **O «texto» favorece a inconstância e a incapacidade de concentração**

— pois, além de estar constituído de frases ou exclamações isoladas, não há leitura em linhas, como nas páginas de um livro, que obriga os olhos a um movimento rítmico da esquerda para a direita: essas «bôlhas», que se desprendem esporàdicamente das bôcas dos personagens, não obedecem a nenhuma disposição metódica.

Não vale a pena discutir o mérito artístico dos desenhos, ou o mérito literário do texto: donde virá tanta falta de gôsto e a incapacidade de exprimir-se com precisão e riqueza de vocabulário no vernáculo?

Como combater a onda de «comic strips» que ameaça inundar todos os lares, indistintamente?

Não adianta proibir, se não é oferecido algo em troca.

Mãe: escolhe com carinho entre os inúmeros livros que as nossas editôras (entre muitas, citamos apenas a Cia. Melhoramentos) oferecem em condições atraentes aos leitores de tôdas as idades e de todos os gostos.

Não deixes passar oportunidades para oferecer um livro a teu filho. Despertando o respeito e o amor ao bom livro, podes observar com tranqüilidade um passageiro interêsse por alguma revista em quadrinhos.

Irmã Maria: PUERICULTURA

Na vida agitada de hoje, é absolutamente necessário que as crianças usufruam de bastante tranqüilidade, principalmente, nos primeiros anos de existência.

Para um bebê não há nada melhor do que um quarto escuro e silencioso, onde possa dormir sossegadamente, interrompendo êste sono apenas na hora das mamadas e do banho.

Irmã Maria: ENFERMAGEM

A febre é um indício de que o corpo está lutando contra qualquer estôrvo de suas funções normais. Sendo sintoma da defesa do corpo contra as doenças, não convém combater a febre, enquanto a temperatura não exceder 39 graus.

Da. Dulce: ARTE CULINÁRIA

SALGADINHOS ENROLADOS

Massa:
250 grs. farinha de trigo
3 c fermento em pó
1/2 c sal
250 grs. ricota (requeijão) bem espremida antes de pesar
200-250 grs. de manteiga

Recheio:
Salsichas, ou presunto, ou queijo picante.

Para pincelar:
1 gema com 1 C de leite

1. Misturar a farinha e o fermento e peneirar numa bacia. Fazer uma cavidade (no centro), pôr nela o sal, o requeijão, passado por peneira, e a manteiga fria, cortada em pedacinhos, cobrir com farinha.
2. Comprimir os ingredientes entre as mãos e amassar ràpidamente, partindo do centro, até obter u'a massa homogênea. Se estiver pegajosa, deixar por algum tempo em lugar frio.
3. Estender a massa na grossura de 1/2 cm. Dobrar os 4 lados para o meio e estender novamente. Repetir êste processo mais duas vêzes. Depois guardar a massa em um lugar frio (geladeira) por algumas horas ou, melhor, até o dia seguinte.
4. Estender a massa bem fina, recortar com uma carretilha em rodelas do tamanho de um prato raso e dividir ao meio, depois em quartos e depois em oitavos (com carretilha).
5. Pincelar as pontas, que se encontram no centro, com a gema diluída com leite, colocando na parte mais larga dos oitavos o pedaço de salsicha ou um pouco de presunto picado ou queijo cortado em quadradinhos. Começar a enrolar dêste mesmo lado, para que no fim as pontas fiquem por cima .
6. Pincelar com a gema com leite ,deitando os enrolados sôbre um tabuleiro untado, levando ao forno bem quente por 20-30 minutos.
Sirva os salgadinhos enrolados bem frescos.

Prof. Schmeling: Decoração do Lar

ESTILOS

Cada época teve o seu «estilo» de vida e o seu «estilo» artístico.

Depende de fatôres sociais e econômicos, do adiantamento técnico e da disponibilidade dos materiais, de concepção filosófica e religiosa.

Nenhuma época se preocupou com o «estilo» — a não ser a nossa: As nossas igrejas são construídas em «estílo» gótico — as casas bancárias, em «estílo» grego, — as residências, em «estilo» colonial; comemos com talheres «estilo» Luís 14-16; dormimos em quarto «estilo» Biedermeyer, descansamos em poltronas «estilo» Chippendale, e o retrato da saudosa tia é emoldurado em «estilo» barrôco!

E todos êles eram «funcionais» ou «modernos» dentro de sua época.

Será que a nossa preocupação em imitar «estilos» de épocas passadas revela uma falta de confiança em «nossa» capacidade cultural?

Não temos razão para tal. Também a nossa época, apesar de convulsionar-se em transformações tecno-sociológicas, tem a sua expressão cultural própria!

Aceitemos, com critério e ponderação, o «nosso» estilo, no que êle apresenta de bom e perene, moldado pela «nossa» técnica, pelas «nossas» condições sociais e econômicas, pela «nossa» atitude ante a vida e a eternidade.

Sejamos «nós mesmos» — também na decoração do lar!

Da. Sibylla: TRABALHOS DOMÉSTICOS

O cerzido na meia nylon aparece menos, sendo executado com o próprio fio de nylon. Guarde pois a meia estragada para sempre ter à mão o fio necessário.

Para renovar o couro de camurça, limpe-o com uma escova dura e depois segure-o sôbre vapor de água.

Solas de couro impregnadas de glicerina tornam-se mais resistentes à umidade.

Para a limpeza de móveis e paredes pintados a óleo, prepare a seguinte solução:
1 colher de chá de amoníaco líquido
60 gr. de Borax
1/2 litro de água
misture tudo e deixe parado durante uma hora. A metade desta solução (1/4 de litro) é o suficiente para um balde de água.

Prof. Müller: LITERATURA

«Um lar sem biblioteca é como um corpo sem alma».

A frase é velha, mas o sentido e o conteúdo são sempre atuais.

Para enriquecer a sua biblioteca, prezada ex-aluna, sugerimos aqui alguns livros cuja leitura lhe trará grande prazer :

— Entre a água e a selva — Albert Schweitzer — Ed. Melhoramentos
— Deuses, túmulos e sábios — C. W. Ceram — Ed. Melhoramentos
— Amar é viver — Constâncio Vigil — Ed. Melhoramentos
— E a Bíblia tinha razão — Keller — Ed. Melhoramentos
— O mundo e o Ocidente — Arnold J. Toynbee — Comp. Ed. Nacional
— Coxilhas — Darcy Azambuja — Ed. Globo.

Corpo Docente - 1959

K. G. SCHMELING — Diretor, professor de Matemática, História da Arte, Decoração, Pedagogia Infantil.

IRMÃ MARIA CALLIES — Diretora do Internato, professôra de Puericultura, Enfermagem, Orientação, Doutrina Cristã e Alemão.

ELFRIEDE ILSE HUEBSCH — Secretária, professôra de Inglês, Latim, Alemão e Economia Doméstica, professôra de classe da 3a. série.

ADELHEID BANTEL — Ex-aluna de 1949/50, professôra de Canto.

SÔNIA BECKER — Ex-aluna de 1951/58, professôra de Trabalhos Manuais.

ALBANO BRUSIUS — Professor de Educação Física.

HILDA FILLMANN — Professôra de Trabalhos de Agulha e Tricô.

WALLY HELLER — Professôra de Trabalhos Domésticos e Jardinagem.

JOHANNA HILBK — Professôra de Desenho.

ERNA MARIA KAELBERER — Professôra de Trabalhos Manuais.

IRENE SCHREINER LUX — Ex-aluna de 1945/46, professôra de Português e Educação Física, professôra de classe da 2a. série.

TELMO LAURO MÜLLER — Professor de Geografia, História, Português, Literatura e Educação Física, professor de classe da 4a. série.

VERENA POSCHETZKY — Professôra de Corte e Costura.

ERNEST SARLET — Professor de Inglês, Francês, Latim, Alemão ,professor de classe da 1a. série.

IRMÃ LIESELOTTE SCHOLZ — Professôra interina de Puericultura, Enfermagem, Orientação e Doutrina Cristã.

MANFRED CARL SCHÜNEMANN — Professor de Português, Latim e Francês.

DULCE THOFEHRN — Ex-aluna de 1945/51 professôra de Arte Culinária e Higiene Alimentar.

LEO VERBIST — Professor de Francês.

SIBYLLA WERNER — Professôra de Trabalhos Domésticos e Jardinagem, regente dos Cursos de Economia Doméstica.

HARRY J. K. WIECK — Professor de Educação Física.

HERMANN THEODOR ZIEGLER — Professor de Matemática e Alemão.

JOHANNES ZIEGLER — Professor de Ciências Naturais, Doutrina Cristã, Canto e Alemão.

Corpo Discente - 1959

Curso Ginasial — 1a. Série

Véra Maria Barth, Berenice Bender, Maria Luisa Berner, Maglia Böelter, Cristina Braecher, Tamara Brandt, Ida Helena Brenner, Nair Bühler, Juliana Bürkle, Tania Vera Cassel, Marilia Beatriz Diehl, Else Werna Dieter, Sandra Regina Domingues, Marlene Ebling, Celia Regina Eckhard, Sonia Eli Fischborn, Liane Grahl, Suzana Herrmann, Claudia Huf, Mariana Kappel, Margarete Kehl, Christa Mara Keller, Dóris Isabel Kern, Laci Edi Kern, Albanita Klein, Véra Maria Knauth, Ana Albertina Knecht, Zuleika Mariza Kunz, Suzana Lampert, Mirça Lelling, Renate Lengler, Anneliese Leuck, Elisabeta Emilia Ludwig, Suely Mattes, Liane Beatriz Möller, Iara Carmen Roese, Elvira Sander, Schirley Sander, Tânia Peressutti dos Santos, Joana Margarida Meta Schlieper, Ruth Marli Schneider, Ivone Lia Schweitzer, Stelita Sebolt, Nara Eluza Seibert, Vera Alba Steigleder, Marly Sturm, Diva Miriam Uhlmann, Terezinha Elisabet Wingert, Solange Wink, Sonia Beatris Wolf.

2a. SÉRIE

Susana Iara Araujo, Carla Marise Augustin, Deane Baptista, Ana Maria Birlem, Eraci Blumm, Suzana Buss, Grace Machado Costa, Lygia Monica Ebelt, Rosemarie Fiss, Betty Claire Genehr, Marion Grün, Ingrid Heckmann, Ana Maria Heidrich, Luiza Beatriz Jacobus, Gelusa Jacuá, Marli Kampff, Marga Beatriz Karohl, Elaine Kehl, Rosa Maria Kiefer, Katia Kirsch, Berta Luiza Knecht, Lilian Helena Kunz, Elisabet Lichtner, Christa Renate Maskus, Lizete Suzel Matte, Marlisita Solange Moeller, Jussara Maria Mühlenberg, Regina Müller, Silvia Maria Niederle, Henriete Dagmar Poisl, Silvia Edla von Buettner Ravache, Marlene Engênia Ritter, Sandra Roos, Silvia Maria Sauter, Sebastiana Ignez Candida da Silva, Marlisa Sornberger, Marlize Tereza Sperb, Arlete Spindler, Erna Stürzbecher, Selivia Volkart, Isolde Leopoldina Weidle, Gladis Maria Westendorff, Lia Winckler.

3a. SÉRIE

Astrid Andersson, Gladis Augustin, Ida Ligia Becker, Mara Pereira Behrend, Iris Berta Bender, Silvia Blauth, Luiza Maria Blos, Maria Hawlei Brum, Ana Angelica Brusius, Lisette Flores Bücker, Liete Edith Cassel, Ana Cristina Clausen, Hertha Costa, Julaika Helga Dauernheimer, Iri Endres, Marlene Ermel, Lisete Fensterseifer, Carla Gehm, Marlene Amalia Graebin, Ana Maria Graeff, Maruska Kirsch, Neusa Klein, Ivete Kley, Clotilde Ko. Freitag, Lia Vera Kohl, Mariana Korndörfer, Neldi Möller Korndoerfer, Sigrun Kümmerle, Marlene Maria Lichtner, Araci Loesch, Tania Ludwig, Monika Maria Maskus, Solange Mohr, Lizolene Mylius, Ione Nör, Erica Wally Erna Otte, Silvia Elena Renaux, Ivone Renck, Rosaly Rieger, Marion

Erna Schmiedt, Joana Elisabeth Schneider, Margot Déa Sperb, Lia Carlota Veeck, Nelci Weber, Carmen Weissheimer, Maria Luiza Wichmann.

4a. SÉRIE

Carmen Lisete Baum, Dorli Reni Beck, Ula Bercht, Sheila Bertoluci, Marilú Gertrudes Blauth, Marilia Augusta Blos, Margarida Bühler, Ilsa Léa Lipp Farias, Mariana Wuester Haberland, Ieda Haerter, Ilona Hardt, Marilú Waltraudes Jacobs, Deniria Madalena Kayser, Rosalia Kayser, Karin Maja Keller, Heide Doris Kittel, Nair Lory Klein, Juliana Korndörfer, Rosemarie Leuck, Astrid Julia Löw, Hanny Ludwig, Renate Meirose, Vera Maria Mentz, Lory Carmen Metzger, Marlene Michaelsen, Liza Müller, Erica Lidia Pille, Ninon Harla Presser, Jussara Maria Peressutti dos Santos, Dagmar Inge Sperb, Norma Winckler.

ECONOMIA DOMÉSTICA

Curso Complementar

Veni Marilia Arsand, Elisabeth Brauning, Lilia Hertha Böck, Karin Braecher, Analuiza Bredemeier, Mirna Brusius, Eva Maria Kilinger de Campos, Helga Ernst, Ruth Mirian Fritzsche, Gerda Gressler, Margit Huth, Elaine Ikkert, Isle Ema Konrath, Mariza Kronmeyer, Gisela Kümmerle, Hedi Magda Matter, Elsbeth Meyer, Vera Lidia Michel, Iara Momberger, Iria Luci Müller, Erica Ristow, Elisabeth Rix, Ingeborg Wagner, Elisabeth Weber, Karin Wehmuth, Eva Taeschner, Marianne Ziegler.

Curso Especial

Wilma Drewanz, Charlotte Frank, Christa Heidrich, Gerti Kettermann, Sara Mattes ,Dalira Redmann, Carin Rothbarth, Lirian Schwarz, Elfrene Wandscheer, Lia Martha Weidle.

2º Ano

Mechthild Maskus, Isolda Groff, Iris Waechter.

EXPEDIENTE

O presente número inclui a vida da Fundação Evangélica de 28 de setembro de 1958 a 27 de setembro de 1959 (Dia da Ex-Aluna).
«Notícias» foi remteido aos membros da A.A.F.E., às ex-alunas de 1958, às ex-alunas que compareceram ao Dia da Ex-aluna de 1959 ou que nos remeteram mensagens, e a todos os que nos devolveram o canhoto, correspondente ao nº 3. Entretanto remeteremos «Notícias» a todos que o solicitarem.
Tiragem da presente edição: 1.500 exemplares.
Chamamos atenção para o canhoto que acompanha êste número.
O expediente de «Notícias - 1960» será encerrado em 25.9.60 (Dia da Ex-aluna.)
Redação — diretor: K. G. Schmeling
redator: Telmo L. Müller

ÍNDICE

FUNDAÇÃO EVANGÉLICA
Caixa Postal nº 39
Hamburgo Velho - R. G. do Sul - Brasil